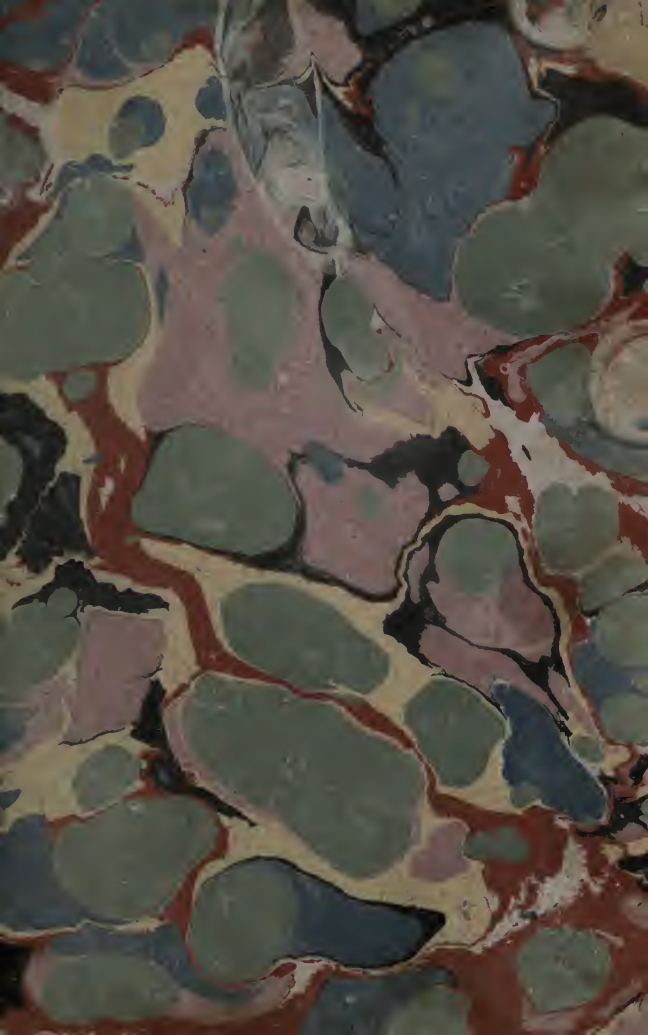




RB186,594



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



X



R

ALMANAK
DAS
MUSAS,

NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.
OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE IV.



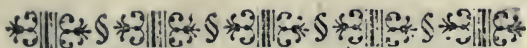
LISBOA:

Na Offic. de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade,

A N N O M. DCC. XCIII.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Nem sempre haõ de ocupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurofos :
Hajaõ tambem prazeres misturados.



AO MUITO ALTO ,
E MUITO PODEROSO
SENHOR

D. JOAÕ
PRINCIPE DO BRAZIL
NOSSO SENHOR.

&c. &c. &c.

E IA , Principe Augusto , ouviste o canto
De alvos Cisnes , q̃ o fulvo Téjo anninha ;
Diverte hu' pouco o seu melifluo encanto
Ouvindo a rude vóz , a vós mesquinha
De ave atrevida , que alto vôo erguera
Do ninho Americano , onde nascera :

Já de hum vôo feliz rapido , e forte
Passei a divizaõ deste Orbe inteiro ,
E encarando co' a fixa luz do Norte
Perdi de vista o lucido cruzeiro ,
Beijando a arêia para mim estranha
Honro a Corte , a que os pés o Téjo banha
Do .

Do aurífero Brazil o alegre Povo
 Nuncio do seu prazer, sua alegria
 Por hum impulso defuzado, e novo,
 Magnanimo JOÃO, ati me envia;
 Trago verdades sem enfeite, ou arte
 Da fingella do Mundo ultima parte.

A Fama que ora grita . ora murmura
 E huás vezes repete o já passado
 Outras em sons fatidicos augura
 O cazo que ha de vir afortunado,
 Leva ao teu fiel Povo alta noticia,
 Tanto gostoza quanto a nós propicia.

No romoto paiz da Zona ardente
 Qual jubilo espalhou da Fama o brado?
 Exultou de prazer a baça gente,
 De quem, mais que temido és adorado:
 Quanto he bella, Senhor, a fingeleza
 De amor leal na vóz da natureza!

Se á tua grande Mái elle se humilha
 No parabem da suspirada Prole,
 Deicha que á tua amavel Real Filha
 Beijando a mão Augusta se console;
 E por mim seu amor tudo lhe offreça
 Quanto possue, e em seu terreno cresça!

A abobeda dos Ceos fendida , e rota
 Pelos votos lustrais que tem subido
 Teu nome , e o da Augustissima CARLOTA
 Inda assim das nuvens tem erguido ;
 Nem falta quem por doce empreza tome
 Fazer crescer os troncos com teu nome.

Os desmedidos volumozos troncos,
 Eis que d'entre os seus bosques dezareiga,
 E vai colher entre os seus matos broncos
 Com pacifica face , branda , e meiga
 Lenhos q̄ domem com teu nome os mares,
 E aromas que perfumem teus altares.

Não he tão rico assim da Aurora o berço ,
 Azia hum tempo vaidozza , hoje lhe cede :
 Quanto pelas tres partes tem disperso
 A natureza junto lhe concede.
 Já novo Salomão eu te contemplo ,
 Eis as riquezas para o novo Templo

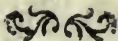
Se abrio para hum JOÃO seu rico seio,
 Se a crôa de oiro , e pedras lhe esmaltara
 Vale mais grande Principe ao que eu creio
 O grato novo dom , que te prepara :
 Offerta coraçoes , puros , constantes
 Que valem mais q̄ o oiro , e q̄ os diamantes.
 Tu

Tu verás co's teus luzos de mistura
 A teu mando as Brazilicas phalanges,
 Ou as precize a páz, ou guerra dura
 Marchar aonde com teu nome abranges:
 Nem terão as Naçoens prova primeira
 Da Fé, da Lealdade Brazileira.

Mas eis que novamente o vôo eu tomo,
 Sigo sem tino a pública alegria;
 Já deicho a terra, já ouzado affomo
 Aonde o tempo os tempos principia.
 Lizia meu vaticinio não desprezes;
 Ficai em páz ditozos Portuguezes,

Eu vejo para vós principiados
 Seculos pelo Ceo abençoados.

Domingos Caldas Barboza.



CANTATA. *

AS bronzeas portas do bifrente Jano
 Vejo, qu' horror! de par em par abertas!
 Reinos talados, povoações desertas,
 Rios de sangue humano!
 A Guerra hostil, fremente
 Desfez em mil pedaços
 Os torcidos anneis da atroz corrente,
 Que lhe rugia nos cruentos braços;
 Intrepidas cohortes
 Escolta armi-potente
 D' Estragos, Sustos, Latrocínios, Mortes.
 A bellica Discórdia atraçoada
 A precede feróz de sanha armada,
 Serpêa-lhe ao redor da triste frente
 Azul viperia coma, que sibila,
 Na esquerda lhe scintilla
 Ceruleo facho ardente,
 Com que devora o Mundo;
 Desordens, Sedições, Furores, Damnos,
 Incolas feros do Cocito immundo,

Assa-

* No fausto Nascimento da Serenissima
 Princeza da Beira a Senhora D. Maria Te-
 resa Francisca de Assis &c. Recitada pelo A.
 a SS. AA. RR. no Paço de N. Senhora da
 Ajuda.

Assanha contra os miseros Humanos ;
 Em quanto a sêva Erimnis ,
 Chovendo raios , enea egide abraça ,
 E aos mesmos Ceos mil vezes ameaça .

A R I A .

Dos cavados rijos bronzes
 O fatal rouco estampido
 Nos profundos vales sôa ;
 Com aspecto enfurecido
 Sobre nuvens d' atro fumo
 A terrivel Morte vôa ,
 Não perdôa

Ao tremente frio Medo,
 Nem ao bellico Valor.

Soltos rolaõ pelos campos
 Aureos elmos emplumados
 Abolados.

Tristes ais no Ceo retumbaõ
 De milhões d' infortunados ,
 Que por lei d' iniquos fados
 Ferreo somno os olhos cerra,
 Temeroza a Paz divina

Deixa a terra ,
 E da esfera crystalina
 Fito a fito olhando o mundo
 Treme , esfria de terror.

Mas que Deuza gentil de pó cuberta !
 Com pallido semblante

Arnez pulido , triplicado escudo ;
Recem-nascida lhe affortuna os braços
 Huma gentil Princeza
 Affombro da belleza ,
Penhor seguro dos mais firmes laços .

 Angelicas virtudes
 O Olimpo despovoaõ ,
 E ao tenro peito voaõ
 Da Infante regia Ninfa ,
 Do Luso Imperio esteio ;
 Ventura , que nos veio
 Da mão celestial.
 As Graças lhe bafejaõ
 O rosto perigrino ,
 Outorga-lhe o Destino
 Mil dotes sobre-humanos :
 De Lizia , ao vèla fogem
 Receos , Magoas , Damnos .
 Ditosos Lusitanos
 Ditoso Portugal .
Do intonso claro Cinthio espoza bella ,
 Caliope fecunda ,
 As causas me revèla
Do immenso gosto , que minha alma innuãda :
Hoje me apresta a lira alti-cadente ,
 Que a rapida corrente
 Do Strimon enfreava ,
 Qu' enternecia as feras ,
E dos hombros do Rodope arrancava

Às arvores procêras.
 Escute cheo de suave espanto
 O vasto mundo meu sonoro canto.
 Sacro furor o coração me abraza!
 Que finto ó Ceos , a vós me titubêa!
 Batendo as ígnias azas
 Os ares fulca minha vaga idea.
 Do Futuro nublado
 As portas de diamante arrombo ouzado.
 De CARLOTA , e JOAÕ por todo o templo
 Messes , e messes d' Heroísmos noto ,
 E dando ao mundo leis , regendo imperios
 A filha augusta lhe devizo ao lado
 Num throno magestozo
 Erecto , e sustentado
 Pelas mãos da benefica Inteireza ,
 Do Merito sublime ,
 Da solida rectissima Equidade ,
 Da candida Piedade.
 As providas Sciencias ,
 As Artes afanozas
 Cingem-lhe a testa com festoens de rozas.
 Em vão tenta Belona despiedada,
 A base do aurco solio
 Com cem grilhoens atada,
 No tenro heroico peito
 Soprar-lhe a flama do furor mavorcio ,
 Qu' a terna Humanidade , a sãa Prudencia
 Mil vezes lhe demostraõ
 Quaó breve se murcharaõ

Os louros qu' adornaraõ
 Semirames , Harpalices , Zenobias ,
 Pantezileas , Cleopatras , Camillas ,
 Sufto , e gloria de Márte fanguinozo.
 Em tanto o voras Tempo jubilozo ,

Humilde , e reverente
 Aos pés lhe proftira a fouce reluzente ,
 E sobre a terra das prizoens de flores
 Os aureos dias de Saturno folta.

Temis do Olimpo volta ,
 E a prodiga Abundancia
 No centro do Universo
 Entorna , exaure , feu florido cofre.

Despenhaõ-se de chofre
 A Penuria , o Dezaftre , o Crime adverfo
 No Bàratro horrorozo.

Ulifféa feliz qu' em teu regaço
 O germen vifte pullular viçozo ,
 Que sobre as nuvens erguerá seus ramos ,
 Exulta , exulta , qu' Adonai piedozo ,

A quem mil graças damos ,
 Ouve teus rogos , e teus rogos cumpre ;
 Já mais temas qu' a funebre Desgraça
 De ver qu' arrastras seus grilhoens se ria ,
 Nem qu' o Disturbio victima te faça
 De fua tirania ,

Que a nova Heroína , de teus votos preço ,
 Te esquiva , e rouba a quantos infortunios
 Poffa urdir em teu damno a injufta forte :
 E erguendo a fama tua.

Sobre

Sobre as ethereas regioens serenas
Reune em ti , no templo da Memoria ,
De Sparta , Roma , Athenas
O fasto , o brilho , a prepotencia , a gloria.

A R I A.

O mundo affola
Enio ferina ,
Prostra , fulmina ,
A gente humana.
Só Lizia ufana
Dos Ceos mimoza
Os fructos goza
Da meiga paz.
A rova estrella ,
Qu' em seu oriente
Nasce , e fulgura ;
Mil bens lhe augura.
Eia louvemos ,
Luzos famosos ,
Quem tão ditozos
Hoje nos faz.

*Por Belchior Manoel Curvo Semmedo
Torres de Siqueira , Fidalgo da Casa de Sua
Magestade. Entre os Arcades
Belmiro Transtag.*

AOS ANNOS DE LAURA.

CANTATA.

Como rizonha vem abrindo a Aurora
 As portas d'ouro do rozado oriente
 Ao Nume intonso da voluvel Delos?
 Ornando os quadros que veceja Flora
 D' aljofar transparente
 Pranto fandozo de seus olhos bellos.
 De rozas coroados ,
 No aureo punicio coche refulgente ,
 Do Hydaspes surge magestoso o Dia ,
 Vibrando accelerado ;
 Brilhantes fetas de nascentes luzes
 Contra a estelante fugetiva Noite ,
 Qu' ás Sciticas montanhas
 Os nocturnos frizoens medroza guia.
 Vencidos , e aterrados
 O etereo campo sedem
 De informes sombras esquadroens ferrados ;
 Em quanto Febe desmaiada , e frouxa
 A esfera , azul , e rouxa
 A passo , e passo temproza deixa.
 As frias Auras sussurando acordam
 Por entre as folhas da nutante selva ,
 E os Zefiros brincoens pregando as azas
 Rólaõ por cima da orvalhada relva.
 A par transmotaõ do Silencio triste

Os

Os leves Somnos em confuzo bando,
Os braços a miudo espreguiçando.

A R I A.

Entre juncos, e espadanas
Com sonoro murmurio
Erra o claro manso rio
Mais que nunca ufano, e ledo;
Pelos ramos do arvoredos

Pendurados

Os aligeros cantores,
Em melificos trinados
Cantaõ, louvaõ seus amores,
Com mais pompa as tenras flores
Hoje ao vento aromas daõ.

Os seus dons benigna entorna

A florida Primavera;

Novo brilho inunda a esfera;

Nova galla o campo adorna.

Hum prazer geral respira

A profuza Natureza;

Nem anciozo já suspira

Entre as serpes da tristeza

Meu sensivel coração.

Suave objecto de meus ais faudozos

Laura, meu doce bem, Nume adorado,

Dos annos teus ditozos

He este o dia, o dia suspirado,

O dia que me trouxe

O Bem mais puro , que dar póde o fado:

Os Entes sobre-humanos

Que teu brilhante espirito fizeraõ ,

Que prodigos e ufanos

Tantas , e tantas perfeiçoens te deraõ ,

D'um grato coração não me eximiraõ

Capaz de conhecer teus dons supremos

Digno de ter amor , digno de amar-te.

Que a cerba , odioza , e triste ,

O' Ninfa encantadora ,

A propria vida para mim não fora

Se o Deos terrivel , que na dextra açama

O raio furibundo ,

Com teus encantos não dorasse o mundo.

D' Eôoõ fulgidissimo luzeiro ,

Que innunda o Orbe inteiro

De placida alegria ,

Que tristeza , que horror me infunderia

A faltarem na terra esses dois astros ,

Que em teu gentil semblante

A magoa de existir tanto me adoçaõ

Esses dois astros de benigno influxo

Onde a pureza , a graça resplandessem ;

De meus destinos arbitros piedozos.

Que importa qu' a Desgraça

Contra minha alma sem cessar fulmine ;

Que mil saudades , mil funestos sustos

Em torno nulem de meu peito amante

Se apenas chega o venturozo instante.

De ver teus olhos , tua imagem bella ,

A horrifona procella
 De meus crueis pezares
 Foge qual fuge o disgregado armento
 Do lobo truculento :
 Porém quanto he custoza esta ventura
 Ao teu fiel Belmiro!
 Brutais Hircanios Monstros,
 Que o placido alvedrio te sobpeam,
 De mim te apartaõ, Ceos! como se eu fora
 Torvo Leaõ feroz, qu' acezo, e bravo
 Teus brandos membros lascerar quizesse.
 Ardes por mim, por mim terna suspiras,
 Constante amor, constante fé me guardas,
 Eis a culpa fatal porque te arrojaõ
 Ao negro abismo do cruel disgosto,
 Sem que lhes mova o coração ferrenho
 O triste pranto, que te aljofra o roito
 Capaz de enternecer Marpezias rochas.
 Mas ah! que parte nos teus damnos tenho!
 Quantos quantos Pezares não fascinaõ
 Meu peito onde germinaõ
 Viçoças permanentes esperanças,
 Quando junto dos Argos, que te observaõ
 Hum teu furtivo olhar me denuncia
 As duras magoas, que por mim soportas.
 Se á falsa Hipocresia
 Rendesses vivos cultos,
 Talvez qu' infauستا victima não fosses
 De tantas afflicçoens tantos insultos;
 Mas tu detestas o punivel Dolo

Pizas do cego Fanatismo o collo,
 Não daz incensos a profanas aras,
 Sabes qu' ao Ceo nenhum vivente illude,
 E crimes não mascàras
 C'os trajos da vittude.

Eis porque chovem sobre ti do Olimpo
 D' immensas graças perennais diluvios,
 Eis porque os ferros, que vaidozo arrojo
 Nunca os estragos sofreraõ do Tempo.

Ah! quem pudera neste amavel dia
 Innúmeros thezouros tributar-te,

Quem mil augustos Scetros

Tivera; qu' offertar-te:

Porém teu genio raro

Mundanos bens despreza:

As cem famintas negras fauces truncas

Da fordida Avareza;

Mais a ternura de minha alma estimas

Que o mando, e qu' a riqueza.

E devo acazo desistir de amarte?

Quebrar os puros vòtos,

Que fobre as niveas mãos te fiz mil vezes?

Não, não julgues em mim tanta impiedade,

De ingrato a nodoa horrivel

Nem por momentos manchará meu nome;

Sou a teus dons sensível,

E até qu' o triste final termo affome

No egregio santo alcaçar da Firmeza

Verás minha gostoza liberdade

Nos firmes laços, de teus dotes preza:

ARIA,

A R I A.

Amores , e Graças ,
 Os ares povoão ,
 E alegres corôão
 De fulgida gloria ,
 No templo brilhante
 Da eterna Memória ,
 O nitido Instante ,
 Que vio com váa-gloria
 Ao bem qu' idolatro
 No mundo nascer.

Ah ! sempre eu te veja
 Dos Numens amado ,
 Momento dourado ,
 Sem que despiedoço
 O rispido fado
 Te nuble ; te affronte ;
 E Laura mimoza
 Mil vezes te conte
 A' sombra ditoza
 Do fausto Prazer.

Belmiro Transtaganô.

METAMORPHOSE.

O SUSPIRO.

DE quantos filhos a campestre Flora
 Ouve do alado sussurrante Zefiro ,
 Era Florino , o candido Florino
 O mais brilhante , o mais gentil de todos.
 Seus verdes olhos ao desdem volvidos ,
 As rozeas faces , as madeixas d'ouro ,
 O lindo airozo talhe , as doces vozes,
 De Amor nos ferros suspirar faziaõ
 De brandas Nymphas numerozas chufmas :
 Porém seu peito d'esquivança armado
 Mais do qu' os troncos, do qu' as penhas duro
 Vivia illezo das idalias chamas.
 Mil vezes , cheio de furor Cupido ,
 Tentou rasgar-lhe o coração vaidozo :
 Porém mil vezes vio juncando a terra ;
 Das cruas frexas as partidas hastes :
 O Moço inerme de jaçtancia cheio
 De seus triunfos blazonava altivo ,
 Em quanto o Nume protestava anciozo
 Dar-lhe o castigo de soberba tanta.
 Mas quaõ depressa a erratica Fortuna
 Dezanda o giro da voluvel roda ,
 E os almos Deuzes a jaçtancia punem
 Dos sempre ignaros mizeros viventes !
 Hum dia , a cazo , o rispido Mancebo

Num bosque entrava cujos frescos ramos
 Em arco entretecidos assombravaõ
 O cristal puro d'uma clara fonte ,
 Ali calmozo se deitava á sombra
 Contra o Vendádo projectando injurias :
 Quando a formozza rútila Dianna
 Das castas Ninfas suas precedida
 Tambem corria fatigada ao bosque ,
 E do sitio formozo namorada ,
 N'um tronco pendurando as leves roupas ,
 As duras frexas , o temivel arco ,
 Junto da clara fonte se recosta ,
 Ora chegando á boca as frescas agoas ,
 Ora lavando os membros cristalinos.
 Por entre os ramos o vaidozo Joven
 A Deuza vendo sem qu' o visse a Deuza
 De ver pasmava formozura tanta :
 Porém Amor a quem das mãos divinas
 Já mais a leve Occaziaõ se escapa ,
 De vingar-se encontrando hora oportuna ,
 Em quanto mudo , absorto , e deslumbrado
 Ao triste observa contemplando a Deuza ,
 Hum ferro empolga de abrazado gume ,
 E subtilmente o coração lhe fere.
 O mago fogo , qu' o farpaõ trazia
 Lhe foi calando brevemente as veias ,
 E o malfadado alheo de si proprio
 Já treme , já delira , já soluça ,
 Já sente amor , e amor bebe , e respira :
 Ora intenta expressar seu puro affecto

A' doce cauza que presente encontra ;
 Ora recea , que seus eccos tristes
 O doce bem , que adora lhe afogentem ,
 Mas em quanto suspenso , e vacillante
 Configo alterca , anima-se , e desmaia
 Sedeudo Javalim no bosque affoma ,
 E a bella Deuza sobraçando as armas
 Ante as mimozas Ninfas corre ao monstro ,
 E mais ligeira , que o ligeiro vento
 Por entre as brenhas rapida se occulta .
 „ Espera espera „ afflicto , e perturbado
 Lhe clama o triste „ raro encanto espera „
 Nisto se entranha pelas densas moitas
 Buscando a Deuza qu' avistar não torna .
 Já corre alpestres montes , fundos vales ,
 Grutas explora , matos investiga
 Já torçe as mãos aos Ceos pedindo amparo
 Já contra os Ceos blasfema , e se enfurece ,
 Até qu' à sombra n'um formozo oiteiro
 Encontra o louro guardador de Admeto .
 Ali turbado , e louco lhe pergunta
 Se a bella Deuza vio , que sitio a esconde
 Mil promessas lhe faz , e impaciente ,
 A' força intenta que lhe saiba della .
 Ria-se Febo de loucura tanta ,
 E hum engano subtil na mente urdindo
 Assim lhe falla „ Há pouco vi quem buscas
 „ Huma Fera terrivel acoffando ,
 „ Entrou por essa mais vezinha brenha ,
 „ Mas senão me illudio torna aqui logo .
Não

Não quiz o triste moço ouvir mais nada ;
 Do monte á brenha mencionada corre
 Em busca do seu lindo amado objecto,
 Febo entretanto por zombar do triste ,
 Faz qu' hum longo gadelhudo Fauno
 De pés caprinos , ponte-aguda orelha ,
 Tome a figura da gentil Diana ;
 Arco lhe empresta , aljava , passadores ,
 E huma chusma de Satiros matreiros
 Tambem mudados em formozas Ninfas
 Lhe arranja em torno , impondo-lhes silencio.
 Pouco tarda o Mancebo , que não volte
 Do sitio que anhelante em vão buscára ,
 E apenas chega ao suspirado oiteiro ,
 Qual foi o seu prazer , qual seu espanto
 Ao ver a imagem do fingido objecto.
 Eis se lhe prostra aos pés , eis lhos abraça ,
 Eis lhe pede qu' atente em seus pezares ,
 Ora humilde lhe clama , ora raivozo ;
 Soberbo , e vão de si mil couzas conta
 Diz qu' he prole de Numes sobre-humanos ,
 E mais digno de affecto , e de ternura
 Que o dormente Pastor da latmia rocha ;
 Mas vendo que seus eccos lastimozos
 Compassiva resposta não conseguem
 Cumprir intenta seu dezejo á força.
 Levanta-se dos pés do furdo objecto ,
 Lança-lhe os braços impaciente ao collo ,
 E nos labios lhe imprime ardentes beijos ;
 Mas Febo que não lonje o cazo espreira .

A densa treva da illuzão diffipa,
 E o pobre amante se deviza anciozo
 Peito a peito c'ó Satiro barbudo,
 Cingindo-o ternamente com seus braços,
 E beijando-lhe a immunda hircoza boca.
 Os outros Faunos qu' ao redor jaziaõ
 Mil apupos lhe dão, mil furriadas,
 E com terra lhe atiraõ vozeando.
 Corrido, e envergonhado o louco Joven
 Ardendo em raiva brama, e titubêa;
 Cora-lhe o pejo o rotto, a furia os olhos;
 Contra os Faunos remete que o toureão,
 E vingar-se querendo furiozo
 De quem tão fero engano lhe traçara,
 Hum luzente farpaõ do coldre tira,
 E impavido se avança ao louro Nume,
 Que ria sem fessar de ouvilo, e velo.
 Tres vezes quer ferilo, mas tres vezes
 Lhe furta o Deos o leve corpo ao golpe,
 E em castigo de tanta, e tanta audacia
 No peito hum ferreo passador lhe enfopa;
 E sobre a relva semimorto o deixa.
 Hum Favonio que vira a scena infauſta
 A' triste Flora o triste cazo intima;
 A qual choroza, afflicta, e delirante;
 Ao filho corre, deita-o no regaço
 Beija-lhe o roſto, vezes mil o chama.
 Mas o moço infeliz pondo-lhe os olhos
 Só com ternos suspiros lhe responde,
 E entre seus braços espirar se deixa.

A triste Deusa por mercê de Jove ;
 Depois de acerbo copiozo pranto
 O tenro filho em tenra flor converte ,
 E por serem sómente agros suspiros
 As finais expreçoens que lhe escutára
 Para eterna memoria , o nome triste
 De suspiro lhe dá que inda conserva.
 Mas he tal o seu duro iniquo fado ,
 Que perdendo a gentil humana forma
 A lembrança cruel não perdeo nunca
 De toda a scena infauſta de seus damnos.
 Porisso a penas vê do acezo Febo
 Os ignios raios, a brilhante face
 Concebe n'alma tal horror, tal pejo ,
 Que se esconde, se fecha, e se comprime
 No viçozo botaão donde nascera ;
 E só quando na esfera a noite affoma
 Em busca do seu bem, qu'inda idolatra
 Desfexa as folhas, e o seu mimo ostenta.

Belmiro Transtag.

NO ANNEVERSARIO
DAS NUPCIAS
DOS ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS
SENHORES
CONDES DE POMBEIRO,

S O N E T O.

„ **D** Eixai os filtros, os farpoens ervados,
„ Respire o mundo em paz neste almo Dia,
„ Ledos Hymnos cantai, Amor dizia
„ A' linda tropa dos crueis Vendados.

„ Hoje faz annos, inclitos soldados,
„ Que á luz do sirio nupcial, qu' ardia,
„ Ezio prendemos, e a formoza ARMIA
„ Em doces ferros pelo Ceo dourados.

„ A prole destes conjuges ditozos
„ De Lizia honra será, do mundo espanto,
„ E a nós se devem bens taõ protentozos.

Calou-se Amor, e a alada chusma entanto
Leva ao templo da Gloria, os dois Espozos,
Nas puras azas d'um celeste canto.

Belmiro Transtag.

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
JOSE DE VASCONCELOS,
E SOUZA.

S O N E T O.

N Aõ decanto Senhor neste almo dia
Tua alta Prole, teu natal florente,
Que he na ordem do mundo hum accidente
Nascer de humilde, ou nobre Jerarchia,

A fãa virtude, que teus passos guia
Te dà lustre maior, mais permanente,
Que sem este aurêo dom do Ceo clemente
He fumo, he sombra, he nada, a fidalguia.

A mil Varões de sangue altivo, e nobre
Inuteis sempre aos mizeros humanos,
Sem fasto, e nome, fria pedra cobre.

Mas tu que abranges dotes sobre-humanos
Valendo ao triste, soccorrendo ao pobre,
Do Lèthes salvas teus ditozos annos.

Belmiro Transtag.

AOS

AOS FAUSTOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE BOMBEIRO.

S O N E T O.

AS altas longas azas facudindo
D' Astrêa o Templo augusto demandava
O voráz Tempo, em cuja mão brilhava,
Curvo ferro, que o ar vai devedindo.

Trocádo o torvo gesto, em gesto lindo,
Por terra pondo a fouce, que vibrava,
Já ante as Sacras Aras se prostrava
Submisso taes palavras proferindo.

Pois quer Astrêa, que esta fouce horrenda
De seus acerbos golpes indignados
A funesta carreira em fim suspenda.

Triunfe Vasconcelos, pois os fados
Querem, que a sua gloria hoje se estenda
Por faustos annos, annos dilatados.

Alcino Lisbonense.

S O N E T O .

A A M O R .

Q Ue seta he essa Amor qu' inda escorrendo
Trazes em roxo sangue ? senão erro ,
Me parece que vi já esse ferro
Em mais valente mão almas vencendo.

Pela ponta subtil , que lhe estou vendo ,
Imagens delle na memoria encerro ;
De o ter visto as especies não de ferro ,
Sómente estou no sitio discorrendo.

Mas tu perdes a côr , tu ficas mudo !
Tu me escondes a farpa ensanguentada !
Já me lembra seu dono ; ah ! já fei tudo.

Larga ladraão a seta que he furtada ;
Bem conheço esse ferro ponte-agudo ,
Hé dos olhos gentiz da minha amada.

Por Francelio Vouguense.

S O N E T O. *

H Um pouco, hum pouco ó mar enfurecido
 As crespas ondas terenai piedozo,
 Deixai-me o gesto ir ver, meigo, e formozo;
 De quem me tráz d' Amor louco, e perdido:

Se ao malfadado nadador d' Abido
 Deste morte cruel no feio undozo,
 Livrai deste destino hum desditozo
 Tambem victima infausta de Cupido.

Deixai-me inda hoje ouvir meigos agrados
 Da minha Inalia por quem choro auzente
 Nestas areas, nestes descampados.

Mas ah! triste de mim! qu' o pranto ardente,
 Que verto de meus olhos desgraçados
 Mais vos altera a rapida corrente.

Belmiro Transtag.

* Feito d'improviso pertendendo o A. vir
 da Trafaria para Lisboa estando o mar
 muito bravo.

A' AMIZADE.

MUza inerte, e rasteira
 Q' o louco amor, e seus triunfos cantas,
 He hoje a vêz primeira
 Q' acima das estrellas te levantas,
 Não arda o santo fogo
 Sempre: em materias vans de rizo, e jogo:
 A virtude sublime
 Filha do Ceo, a candida amizade,
 Que chama feio crime
 Voltar a cara á pobre humanidade,
 He quem hoje te inspira,
 Quem te apresenta a dezuzada Lyra:
 Debalde, o negro fado,
 Cubrio meus dias de fortuna escura;
 Debalde tem jurado
 Ser meu contrario até á sepultura;
 Não dar-me valimento,
 Deixar meu nome embaixo esquecimento:
 De Solares antigos,
 Nem thesourós herdei, nem vâa grandeza;
 No feio dos amigos
 Me poz o Ceo mais solida riqueza:
 Não teme duro fado
 Quem mereceo fiel amigo ao lado:
 Sobre inhospita praia
 Lance o mar o navio destroncado,
 No rolo d' agoa saia

O naufrago Piloto descôrado
 Arêas não pizadas
 Enfope o triste em lagrimas cançadas ;
 Se em tão duro castigo
 O Ceo por novo cazo não pensado
 O encontrasse , e o amigo
 Q' anda da chara Patria desterrado ,
 Chorara de alegria ,
 Feliz talvez chamasse o triste dia :
 O escravo na corrente
 Em mizero fuor banhado o rosto ,
 Encha de ouro luzente
 A mão cruel que os ferros lhe tem posto ,
 Do mineiro avarento
 Q' tem no seu thesouro o seu tormento .
 Albino impaciente
 C'os olhos , e esperanças no Oceano
 Veja vir do Oriente
 A Nao com oiro , e com marfim Indiano ;
 Veja o Porto aferrado ,
 Chame-se embora bemaventurado .
 Nada disto apeteço ;
 Sabem os Deozes , e por elles juro
 Que os votos que lhe offreço
 Nascidos vem de coração mais puro ,
 Que estes bens não invejo ,
 Que levanto a mais alto o meu dezejo ;
 Se nos ferenos ares
 Lhe vão suspiros meus d'alma mandados ;
 Se deixo seus altares

De minhas puras lagrimas banhados ,
 Se os commovo a piedade,
 Meus votos faõ por ti , santa Amizade.
 Dem-me fieis amigos
 Mostrem-se embora em tudo o mais irozos,
 Do meio dos castigos
 Lhes chamarei benignos , e piedozos.
 Amigo verdadeiro,
 Tu vales mais que o Universo inteiro .

I D Y L I O .

MAl as nitidas Estrellas
 A descorar começavaõ ,
 Inda distante os Etontes
 Apõs da Aurora marchavaõ.

Quando já Theonio triste ,
 Maldizendo o injusto Fado ,
 Delirante conduzia
 Para o monte o manso gado.

Amava Marfida ingrata
 O mal fadado Pastor ,
 Ninguem havia taõ triste
 No vasto Imperio de Amor.

De balde na amante pyra
Lança o fido coração ,
Marfida o tira , e o consome
Nas áras da ingraticidão.

Nem ao menos o bem goza ,
Que o mais infeliz alcança ;
Os seus olhos nem ao longe
Vião raiar a Esperança.

Passa o dia , chega a noite ,
Foge a noite , torna o dia ,
E o triste arrastando os ferros
Da cruel melancolia.

Luctando co' a fera dôr ,
Que o fido peito lhe rala ,
A vôz sólta de mistura
Com os ternos ais que exhal a.

Cáro rebanho , dizia ,
Que vos deixe manda Amor ,
Se quizeréis ter ventura ,
Procurai outro Pastor.

Eu vos deixo , e vou buscar
Doce fim á triste vida ,
Corro a abrazarme nos olhos
Da cruel impia Marfida.

Minha lyra que espalhára
Tanta gloria nesta Selva,
A cujo sonoro accento
Deixaveis a branda relva ;

Neste tronco , que abrazado
Fôra por hum raio ardente ,
Deixo expôsta ao bravo Vento ,
De hum secco ramo pendente.

Faz toda a nossa desgraça
Do meu bem a crueldade ,
Já mais seremos ditozos,
Marfida não tem piedade.

Disse ; e a buscar a ingrata
Sóbe o empinado monte ,
Desce delirante ao bosque ,
Cruza o valle , corre á fonte !

Qual amante Borboleta ,
Que buscando a luz mais pura ,
Vôa , gyra , e encontra a morte .
Na mesma luz que procura.

Assim o infeliz Amante
Corre aos olhos do seu bem ;
Busca morrer abrazado
Nos raios do seu desdem .

Em fim encontra a tyranna ;
 Sentada a cruel estava
 Junto de hum Freixo copado ,
 Que o brilhante Sol dourava.

As Graças encantadoras
 Festões de rosas teciaõ ,
 Com que o peito lhe adornavaõ,
 Com que a frente lhe cingiaõ.

As vareadas boninas ,
 A fonte que murmurava ,
 O canto dos Passarinhos ,
 Doce amor tudo inspirava.

Solicitos espalhavaõ
 Os Zefiros brincadores ,
 No ár suaves perfumes ,
 Que haviaõ roubado ás flores.

Em tanto o misero Amante
 Entre huns ramos se ocultava ,
 E o tormento que o devora
 Em silencio suportava ,

Eis que hu' suspiro innocente ,
 Que do coração sahio ,
 Foi descubri-lo a tyranna ,
 E o desgraçado trahio.

Affustada com a vista
Corre a hum , e outro lado ;
Até que o infeliz deviza
Em mortal pranto alagado.

Importuno , diz a fera ,
Teu louco amor que procura ?
Não sabes ja por costume ,
Que eu não conheço a ternura?

Vejo teu peito ferido ,
Palpitar-te o coração ,
Teus ais que os montes abalaõ
Não me fazem compaixaõ.

Que me importa , que dê Amor
O incendio te devore ,
Se o meu Destino por lei
Me manda que não te adore.

O Triste , que em mortaes ancias
O defengano escutou ,
Do fundo do coração
Estas palavras soltou...

Ah deshumana , a tua Alma
Tanto as leis do Fado préza !
Ultrapando as Leis Sagradas
Do Amor , da Natureza !

Ah!

Ah ! teme ingrata o castigo
Do Nume que o raio accende ,
Quem a Natureza ultraja
Seu poder superno offende.

Eu morro , morro contente ,
Mas quero, ingrata, primeiro ,
Do poder de Amor mostrar-te
O retrato verdadeiro.

A verde Hera abraça o tronco,
O Zefiro beija a flor ;
Vê, tyranna , no insensivel
O poder, que tem Amor.

Vê debaixo da agoa fria
Namorado o peixe mudo ,
Envergonha-te , e conhece ,
Que o Amor inflamma tudo.

Ouve as aves deste bosque ,
Que em alternadas Canções
Humas ás outras explicaõ
Suas amantes paixões.

Vê como naquelle ramo
Se adoraõ dous Passarinhos ,
Unindo em doces requebros
Os delicados biquinhos.

Repara, cruel, naquelle
Que o seu bem feliz fizera ,
Como se encrespa vaidoso
Do triunfo que tivera.

Vê aquelle . . . ah! que o estrondo
De arcabuz que se dispara ,
Afustada pelo bosque
A amante turba separa .

O mais terno Passarinho ,
Que gozava os dons de Amor ,
Foi victima desgraçada
Do barbaro Caçador.

Co' peito ferido vôa
Após da prenda querida ,
Adeja , revoa , e cahe
Aos pés do cruel , sem vida.

A Esposa , que nas balsas
Não encontra o bem amado ,
Vôa ao sitio venturoso,
Onde o havia deixado.

Não o encontra , sóbe aos ares
Para ver se o bosque o esconde ,
Canta , escuta , outra vêz canta,
Escuta , ninguem responde.

Sobre as azas se equilibra ,
A esp' rança lhe dá conforto ,
Com os olhos cruza a terra ,
Eis deviza o Espozo morto .

Tão veloz da acceza nuvem
O fogo ardente não sahe ,
Como a Esposa semiviva
Junto ao caro Espozo cahe .

Com as azas cobre o Espozo ,
Com o bico rasga o peito ,
Morre , e o leito do seu bem
He o seu funesto leito .

Marfida seus lindos olhos
Dos Espozos não tirava ,
E de ter sido tão fera
Confusa se envergonhava .

Ja sinto , diz , no meu peito ,
A ternura , a compaixão ,
Sinto ja de Amor a flamma
Devorar-me o coração .

Theonio , meu bem , piedade ,
Na tragedia que contemplo
Aprendi a amar , e quero
Dar-te de Amor puro exemplo ;

Ja te adoro , fim meu , bem,
Do teu mal me compadeço ,
E em premio de tantas ancias
A minha alma te offereço.

Theonio grita , ah! se eu pude
Supportar tantos desgostos,
Marfida a minha alma fede
Ao pezo de tantos gostos.

Corramos, Marfida , ás áras
De Amor , dar-lhe adorações ,
Rendidos lhe tributemos
Nossos fidos corações.

De Açucenas , e de Rosas ,
Dias grinaldas formaraõ ,
E c'róando-se hum a outro ,
O Templo de Amor buscairão.

Antonio Bersane Leite de Paula.

A J A C I N T A .

A Noite envolta em tenebroso manto
 No ár as negras azas estendia ,
 Tudo enchendo d'horror , tudo d'espanto:
 Ao longe o rouco mar bramir se ouvia ,
 Q' a rôlos espumando sobre a arêa
 Nas duras penhas com furor batia :
 A froixa lûz da Lua entaó mal chêa
 Os macilentos raios dardejava
 Por entre as nuvens de que o ar se arrêa :
O Marinheiro tímido vogava
 Com pressa os remos para a curva praia ,
 Ondê o saveiro concavo enalhava :
 Antes que a chuva denegrída cáia ,
 O Pescador na gruta cavernosa
 Esconde o barco de ligeira faia :
Sómente Elmiro na torrente undosa
 Do flavo Tejo , que corria os mares,
 Não teme a tempestade rigorosa.
A vida affeita a turbidos pezares,
 Cortado de ardentissimo ciume
 Não teme o horror dos enlutados ares :
 Não teme a furia do trifulco lume ,
 Nem o poder fatal desse tridente ,
 Que sopêza nas mãos o equoreo Nume :
Emhora rompa a esfera o raio ardente ,
 Sobre a concava prôa recostado
 Olha tranquillo para o mar fremente :

Absorto n'um tristissimo cuidado ;
 Só Jacinta a seus olhos se affigura ,
 A Nynfa mais gentil do mar salgado :
 Mas que ajunta à extremada formosura
 Hum peito refalsado , e rigoroso
 Huma alma fementida , impia , e perjura :
 Por ella o triste Elmíro desditoso
 Derrama ternas lagrimas a fio ,
 Della se queixa sempre ao Ceo piedoso :
 Ou arda o claro Ceo no quente Estio ,
 Ou se congele a terra humedecida
 Pelas gretadas mãos do Inverno frio.
 Por ella perde o gosto , e perde a vida ,
 E arrancando hum tristissimo suspiro
 Se queixa allim da amavel homicida :
 „ Até quando , cruel , do pobre Elmíro
 Ha-de o ecco soar co' as queixas tristes
 Por este melancolico retiro ?
 Dize , Nynfa cruel , que tens , que vistes
 Sobre minha figura , e meu semblante ,
 Que tão sómente em desprezar-me insistes ?
 Não tenho eu sido hum extremo amante ?
 E inda a pezar de teus desdens raivosos ,
 Não fui sempre fiel , não fui constante ?
 Não fulquei sempre os mares procellosos ,
 Por te apanhar , cruel , pois sei gostavas ,
 Os pintados mariscos faborosos ?
 Se a caso sobre a praia passeavas ,
 Não te formei de mil coraes capellas ,
 Com que os louros cabellos ennastravas ?
Não

Não te escolhi gentis conchinhas bellas
 Nas fendas dos rochedos cavernosos
 Humas azuis , as outras amarellas .
 Quiz mais de ti que ver os luminosos ,
 Brilhantes olhos teus verdes , e bellos,
 Mais do q̃ o mar, mais do q̃ o Ceo formosos?
 Quiz outros laços mais que os teus cabellos ?
 Pois se divizas hum amor taõ forte ,
 Porque me matas d' importunos zelos ?
 Ah, Jacinta cruel , ou dá-me a morte ,
 Ou de meu duro mal compadecida
 Não tornes mais cruel a minha forte :
 Deixas hum Pescador , e andas perdida
 Apôs d' hum monstro, que Tritaõ se chama,
 Vil tãcador de concha retorcida :
 Sentes de amor por elle eterna chamma ,
 E elle furdo a teus ais , a teus gemidos
 Não sabe que o teu peito o préza , e ama :
 Ah levanta mais alto os teus sentidos ,
 Olha que n'um Tritaõ ternos amores ,
 Ou são mal empregados , ou perdidos :
 Não murches de teu rosto as lindas flores
 Entre nervudos escamozos braços
 De feios monstros brutos nadadores :
 Suspende, ó alma minha, os leves passos,
 Escuta a minha vóz , ouve o meu pranto ,
 Olha que quebras os meus ternos laços : ,,
 Dizia o triste Elmiro , e o negro manto
 Da feia noite pela luz rompido ,
 D'humã sulfurea setta o encheo d' espanto:
Vio

Vio entre vagas seu baixel metido
 No meio da torrente foçobrado
 Dos implacaveis ventos combatido.
 Entaõ olhando para o mar salgado
 Vendo proximo o fim da triste vida,
 Tirou tal vôz do peito magoado :
 „ Agora viverás , fera homicida ,
 Agora que vou ser no mar absorto
 Ao meu rival com terno amor unida :
 Pula tranquilla sobre o doce porto,
 Meu frio corpo observarás contente,
 Nas crespas ondas aboiando morto :
 Mas eis o Fado , por entaõ clemente,
 O pequeno baixel leva seguro
 Do mar azul no dorso transparente :
 Eis maldizendo o seu destino escuro
 Beijando as ingratiſſimas arêas
 Se acolhe ao centro d' hum penhasco duro:
 Outra vez , diz , as rispidas cadêas
 Heide arrastar cruel , e fogo insano
 De amor hade gyrar nas cavas vêas ?
 Quanto fôra Jacinta o Fado humano ,
 Se no meio das ondas denegridas
 Dêra comigo fim de amor ao damno !
 As tristes esperanças ja perdidas
 De todo com meu corpo se affogaraõ,
 Esperanças de Amor taõ bem nascidas :
 Aqui desmaia o triste , e retumbaraõ
 Pelos duros rochedos cavernosos ,
 Os tristes ais , que alli se conservataõ
 Consolaçãõ de amantes desditozos.

A FEIRA DA LUZ

C A N T O.

Librado sobre as azas
 O Deos de Amor eu vi gyrrar tres dias :
 Desce ao Campo da Luz entra nas Casas :
 Com elle as inqutas Alegrias
 Os traveços Prazeres,
 Desafocgaõ homens , e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças
 Ora se vê a furto em olhos bellos
 Semeando esperanças ,
 Que daõ por triste fruto horriveis zelos
 Ora em peito se esconde ,
 E alli existe , e não se sabe aonde.

No lugar em que o Povo compra , e vende,
 Alli pertende Amorter lucro grande ,
 Subtis laços estende ,
 Nem algum há que alli seguro ande,
 Daõ-se arriscados passos ,
 E eu vi a mais de cem cahir nos laços.

Destra belleza ufana passeava ,
Turba immensa a seguia :
Com estudados gestos captivava ,
E nunca se rendia,
A seus grilhões já prezos
Vi muitos corações em vaõ accezos.

Martezia que de livre assim blasona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta , e lona
Faz rabear a escrava comitiva ,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivais accrescentando .

Pendem d' hum lado matizadas fitas,
Bordadas coifas , lenços mil galantes ,
Varias plumas bonitas,
Lindas caixas , anneis extravagantes ,
Com que o déstro caixeiro
Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha a hum lado alvejaõ
Pequenos corações com letras d' oiro,
Lem-se alli expressões , que se desejaõ.
Hum acha o seu agoiro ;
E numero infinito
Poupa em curto letreiro hum longo escrito.
De

De hum amfibio animal malhada casca
 Dera os subteis anneis , que vende aos fios
 Graciosa tarasca ,
 E os grosseiros bonecos d' assobios ,
 E as azues , e encarnadas charamelas ,
 E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recostar-se
 Em certo mostrador , defronte eu fico ;
 Basta ella chegar-se
 O pobre vendedor se torna rico :
 Qual virtude eu conheço
 Do que a ella lhe agrada sobe o preço.

Vaõs peraltas lá vaõ em competencia,
 Qual offerar-lhe a fita primorosa ,
 Q' acceita por decencia ;
 Qual leva por offrenda graciosa
 Hum coração bem feito,
 Taõ fragil como o que lh' esconde o peito.

Esta volante , e frouxa bateria
 Não pôde inda rendê-la ;
 E he falso amor , amor de zombaria ,
 O que se lê nos lindos olhos della :
 E já Cupido irado
 Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o ultimo alento,
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento:
Fria izençaõ terriveis leis lhe dicta,
E astuta resistindo
Os deixou hir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d' Amor,
A quem tua izençaõ não acobarda,
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já renderá.

Fogosos brutos entr' espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Paraõ aonde os Amorrinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escreviaõ attentos
A lista de futuros cazamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se incline
A's vozes lizongeiros
De oiro sempre suave,
Q' ao peito sem virtude he propria chave.

Venceste, astuto Amor, em fim venceste
 Já Martezia delira,
 Não fazem todos o que fez só este,
 A cruel ja suspira,
 Mas seu vil interesse he desprezado
 Alviçaras, Amor, estás vingado.

Incautos Moços, conhecei o engano,
 E nelle contemplai o que eu contemplo,
 E para o outro anno,
 Lembrando o conto que vos dou d' exemplo,
 Ninguem fiar se queira
 Em achadiços corações da feira.

Ler. Sel.

CARTA A FRANDELIO,
EM QUE O A. CONTA A NOVA PAIXÃO POR
ANFRIZA.

EM quanto á sombra dos nodozos freixos
Sentado á borda do apoucado rio,
Vê no fundo rolar os alvos feixos,
E c' o farpado anzol no longo fio
Tiras a engano as salpicadas trutas,
Que se recolhem nas limozas grutas:

Amor, traveço Amor, as redes colhe,
Em que muitos prendêo, e em q̃ me prende,
E Anfriza, a bella Anfriza he quem escolhe
Para os successos que só elle entende.

Frondelio, ouve a verdade,
Já perdi a guardada liberdade.

Naõ valêo o raivoso juramento
Quando me desfatei de Livia ingrata
Inda as vôzes rolavaõ com o vento
Eis em novas prizões Amor me ata,
E Anfriza... Anfriza, como Livia bella;
Temo que seja ingrata como aquella.

Cáro Frondelio , e não te compadeces
 De me veres tornado
 Aos males que conheces ?
 Tem compaixão do Amigo desgraçado .
 Provaste a força ja deste delirio ;
 Sim , ha de condoerte o meu martyrio .

Torno a ter as algemas nos meus pulsos ,
 Tornaõ cadêas a prender meus passos ,
 Sinto õs membros convulsos ,
 E cuido o coração ter em pedaços .
 Torno ao cruel , e barbaro costume
 De gemer de faudade , e de ciume .

Naõ peço a Amor me solte , naõ , só peço
 Que conserve o meu bem sempre segura ,
 Qu' eu muito bem conheço
 Como he varia , inconstante a formozura ,
 E entre immensos rivais
 Temo a Fortuna , e naõ o amor dos mais .

Ler. Sel.

AS DOENTES.

Entre frescos arvoredos
 Divertia meus cuidados,
 Quando em rusticos penedos
 Vi Razaõ, e Amor sentados,
 Tratando mutuos segredos.

O arco, as frechas, a aljava
 Nas mãos, nos hombros não via
 Amor desfarmado estava,
 E a Razaõ alegre ria,
 E co' meigo Amor brincava.

Com que pafmo, e confusão
 Maravilhado parei,
 Palpitou-me o coração,
 Pois que nunca Amor achei
 Tanto unido co' a Razaõ.

Notando estive o lugar,
 Aquelle era mesmo aquelle;
 Q' aos da ferra ouvi contar,
 Que Cinthia descia á elle,
 Quando Amor a fez amar.

Então na mente agitada,
 Que coisas eu revolvía,
 Da conversa nunca usada
 Eu esperava, eu temia
 Sem poder acertar nada.

Ergue aos Ceos vista divina,
 E os dedos das mãos cruzando
 Grita Amor: pobre campina . . .
 E tres vezes suspirando
 Clama Alcina, Alcina, Alcina.

Sua vôz nas penhas sôa,
 E Eco entre ellas escondida
 Imitando-o o nome entôa,
 E a vôz no ar estendida
 Por todo o bosque resôa.

He a Razaó quem socega
 A Amor afflicto, e queixoso,
 Abraça-o, á face o chega,
 E elle muito mais choroso
 A' sua magoa se entrega.

Em soluços continúa
 Alcina, Alcina adorada;
 Que crueldade he a tua?
 Tens ódio á viçozza estrada,
 Q' até Cinthia chama sua.

C' o bando dos meus amores
 Esperava acompanhar-te ,
 E teus olhos matadores
 Me pouparaõ força , e arte
 Para , render os Pastores.

Já tuas gentis amigas
 Me cortaraõ loiro , e palmas ;
 Mas Alcina he bem q' o digas ,
 Q' inda restaõ duras almas
 Do meu Imperio inimigas .

Inda estava affim bradando
 Esta meiga Divindade ,
 Eis q' á pressa caminhando
 A folicita Amizade
 Vem o cáro Irmaõ buscando .

A experta Razaõ saúda ,
 Depois a Amor brandamente
 Diz que á sua Alcina acuda ,
 Porque Alcina está doente ;
 Solta hum ai , o gesto muda .

Quando tal noticia ouviraõ
 Razaõ , e Amor se affustaraõ ,
 Mil perguntas repetiraõ ,
 Mudos para o chaõ olharaõ
 E depois todos suspiraõ .

Que mal? perguntava Amor;
Como! gritava a Razaõ;
E eu ao mutuo dissabor
Sentia o meu coração
Palpitar de susto, e dôr.

Entaõ a meiga Amizade
O antigo mal descrevia,
E o triste Irmaõ persuade,
Q' a Medicina ja hia
Vencendo do mal metade.

Eis que Amor isto escutando,
O vejo tornar tranquillo,
Pede que o successo infando
Se lhe conte, e para ouvillo
Junto á Irmãa se vai sentando.

Da outra parte a Razaõ
Seriamente se assentava,
E encostando a face á mão
Já da Amizade escutava
A funesta narraçaõ.

Anda a doença fatal
Perseguido a Natureza;
Nada a resistir-lhe val,
E quer mostrar que a Belleza
Tambem não he immortal.

A Armania aracou ferina,
 Nem já respeitou Marilia,
 Tanto em maldade refina,
 Que vai perturbar Emilia,
 E vem affustar Alcina.

Amor não quiz ouvir mais,
 Toma d' hum Nume a presença,
 E arrancando ferios ais
 Quer disputar á Doença
 Seus privilegios fatais.

Ouvi seu alto clamor,
 Elle já vai soccorrellas,
 E dizia em seu furor,
 Que pertence ás que são bellas
 Só adoecer de Amor.

Já hia em tanta afflicção
 Armar-se de arco, e de aljava,
 Sustem-lhe o braço a Razaó,
 E a Amizade supplicava
 Preciza quietação.

Ninguem tenta Amor fuster
 Quem tanto ousar, fuja, e trema,
 Amor faz tudo o que quer,
 Nem arte val, nem systema
 De Amor deve adoecer.

Por entre a vereda estreita
Vôa Amor ferindo as gentes ,
A Razaõ seu vôo espreita ,
E vê que ás suas doentes
Vai preparar a receita . *

Ler. Sel.



O

* *Estes Versos precederãõ ás Cantigas da
Receita de Amor , que hiraõ nos folhetos
Viola de Amor , que se darãõ com brevidade
ao Publico.*

O UNIVERSO

ODE.

E Mpora a face da habitada Terra
 Indomita phalange volve, e gyra,
 Sanguinoso furor de rude guerra,
 Não mancha a minha lyra.

No pé batido o nescio vulgo espante,
 Cubra de honroso nome infames erros,
 Timido Povo mil louvores cante
 A quem lhe forja os ferros:

Ensinou-me a formosa alta Urania,
 Move, mandou, as cordas com presteza,
 Dos Ceos nascêo a nobre Poesia,
 Que canta a Natureza.

Do Universo o principio procurando
 A folta Não desertos mares corte
 Claros hymnos diante revoando,
 Servir-me a vós de Norte.

Que ternos cantos ouço... ! amavel clima
 Descobre d' Iris a enfeitada testa
 A Terra brota!.. Brando o Sol a anima,
 A Primavera he esta.

Deter não pôdem meu baixel ligeiro
Ares de Paphos, Chipreas as arêas,
Passa avante qual Grego aventureiro
Lotophagos, Serêas.

Entre as espigas de suôr banhado
Traz calmoso Verão compridos dias,
Secco Levante sópra affogueado,
E crêsta as sombras frias.

Est' outra costa que descubro á prôa
O fertil vario Outono senhorêa,
De louros cachos a cabeça crôa,
Outro Baccho se arrêa.

Mas que!... Do Promontorio derradeiro
Titaneo Briarêo surge, e levanta
Embrulhado em cinzento nevoeiro
Terras, Nações quebranta.

Sobre carro de gélo aos astros vôa,
Nas vagas sonorosas, e escumantes
O rijo Noto, o fero Austro atrôa,
São furias Tibilantes.

Impavido afrontei já teus terrores.
Que imprime o Ciclo monstro em seu ladrado,
Môr força levo do que tem furores
O Inverno enraivado.

Que mysterio do Mundo inda nascente
Descubro na carreira!... A vista passa...
Foge ò profano... eu canto, escute a gente
A tenebrosa massa.

Primeva confusão, sombria, inerte
Dormindo nescia dos effeitos seus
Alto Poder attende, que a desperte:
Reina o silencio, e Deos.

O eterno falla... vastos globos faltaõ
A massa volve luminosa toda
Rapid' accezos astros se defataõ
Da turbulenta roda...

Além parou o Sol em si rolando,
Os Planetas o seguem regulados
Em torno desses corpos vão gyrando
Outros corpos pezados.

Prizões q̃ ao centro chamaõ, e se impellem
Nas mãos governa d' harmonia o sprito;
Defende attento aos orbes se atropelem
No caminho prescrito.

Milhões de Sões... Soberba Não que rejo!
Novos Mundos! não são... não são enganoses...
Estranhos montes, e edificios vejo,
Ouvime outros humanos!...

Ah!

Ah! q̄ a rota perdeo seguro leme ;
 As velas cobre escura nevoa grossa
 Voragem nos abyfmos rouca freme
 Os rochedos destroça .

Estes golfos Argolio monstro evita
 Foge a luz! - . onde estôu . . ! q̄ mar ! .. q̄ terra
 Potente vóz me grita ,
 Atrevido , atrevido, o panno ferra.

O . D . E.

QUando, Anarda gentil , pulsando a Lyra
 A doce vóz desatas ,
 Que os feros Tigres amansar pudéra ;
 Quando os travessos olhos
 Meiga revolves , e que em mim os fitas
 Com gesto enternecido ;
 Quando na linda bocca raiar deixas
 Engraçados forrizonas ,
 Que incautos me annunciaõ mil venturas ;
 A que aspirar não ouso ,
 Não sei que estranho devorante fogo
 Pelas vêas me corre :
 O coração palpita ; a luz dos olhos
 Parece que me foge ;

Ato.

EM CONTEMPLAÇÃO

DO SEMPRE VENTUROSO DIA DAS NUPCIAS
DOS ILLUSTRÍSSIMOS, E EXCELLENTÍSSIMOS
SENHORES
CONDES DE POMBEIRO.

V E R S O S

E Ntre festões de rosas, e boninas,
Que os Zefiros sustentaõ adejando,
Baixar ao Mundo vejo hum claro dia,
Serenos, e radiofos.

Em torno d'elle, de tropel voando
Mil álmos Dotes, Risos mil, e Amores,
Festivaes vôzes pelos ares vágaõ,
Arabicos perfumes.

Sobre as rôxas montanhas affomando,
Na fulgurante, rapida carroça,
Que o alvo Phlegon, e Piroes lhe puchaõ,
O accezo Plebo raia.

Ah! bem o fei : tu es, doirado Dia,
O que arder viste de Himineo nas chammas,
Unir, prender em seus risinhos laços,
Duas sublimes Almas.

O que atar viste em vinculos eternos ,
O docil coração , candido , augusto ,
Da Divina Pombeiro , ao do abrazado ,
Inclito Vasconcellos.

Do magnanimo Condé , que inflexivel ,
Ouro fio , a Balança tem de Astrea ;
Q' alta Estirpe de Heroes vai dando ao Mundo
Do Mundo amor , e gloria .

C'ò a doce vôz , (oh dia luminoso)
C'ò a doce vôz que os ventos pacifica ;
Que as verdes vagas do Oceano enfreia ;
Que torna o pranto em riso :

Chamar da linda , namorada Esposa ,
Huma vâz , e outra vêz entre suspiros ,
Tardo , e cruel te ouviste : e perguiçosos ;
Teus fervidos Etontes.

Oh dia esclarecido , ao Ceo tão caro !
Tão caro ás fans , auríferas virtudes !
Negra nuvem já mais turbar te possa
Os puros resplandores.

Já mais rijo tufão , que á Terra arroja
Sulfureos raios de azulado fogo ,
Lanças vibrando de faraiva frigida ;
Te eclipse a luz fulgente.

Oh dia esclarecido ! em quanto a Aurora ,
Largando a redea ás remendadas Pias ,
Fôr pondo em fuga as luctuosas sombras ,
Por mim ferás cantado.

Ferindo as cordas da Apolinea Cythera ,
Te levarei da Eternidade ao Templo :
Illezo irás : ireis com elle illezos ,
Clarissimos Pombeiros.

Eurindo Nonacriense.

Que abertas par em par deixaõ patente ;
Rico , brilhante Altar , nas santas Aras
Ardem fragrantés Arabes Incensos.

De trofeos gloriosos
Tem as longas paredes revestidas.

Almos hymnos ressoaõ ,
Librados sobre as azas d' Alegria.
Hé este , sim , he este o Templo augusto.

D' Hymineo sacro-santo,
Onde tem a Virtude eterno assento ,
Que respeito ! Que assombro ,
Me infunde este lugar té' qui não visto !
Encarar não me atrevo a Divindade :

Quero andar , e não posso.
Frio fulto não he , não he receio.
Eia , os olhos fitemos sobre o Throno :

Ah que vejo ! Que observo !
Sim , eu vos vejo , ó inclitos Consortes ,
Occupar d' Hymineo o Throno excelso .

Es tu, Marilia bella ,
Que terna mereceste gloria tanta.

Como exulta de jubilo celeste ,

Josino teu Esposo !
Como amante contempla as graças tuas ?

E tu , Consorte digna ,
Fiel a teus sagrados puros votos ,
Como leda contemplas esse objecto

De teus castos amores !
Oh quanto , excelsa , candida Marilia ,
Es dignas d' alta gloria,

Com

Com que o Ceo corôou tuas virtudes !
De huma idade chegando a outra idade
Teu nome voará de hum Polo a outro.
O' vós tão decantadas,
Artemizas, e Porcias,
Dos Seculos passados honra, e gloria,
Vosso merito eclipsa
A singular Mariliã pura, e bella,
Como vós de alta estirpe.
N' um tempo em que a Virtude
Parece ter fugido dos Humanos,
Guardar inteira a fé, que foi jurada
D' Hymineo nos Altares,
He mais do que beber do Esposo as cinzas,
Inda mais que engolir carvões accezos.

Por Albano Olisiponense.

NOS PLAUSIVEIS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
DIGNISSIMO REGEDOR. DAS JUSTIÇAS
&c. &c. &c.

ODE ALCAICA.

LEvava o Tempo cortando rapido
Co' as longas azas os áres limpidos
De roxo a graõ cadêa
Dos devorantes seculos.

Alada turma de genios fervidos,
Voando em torno do monstro indomito,
Ora se chegaõ fortes,
Ora se arredaõ timidos.

Hum aureo Anno, q̃ aos fuzis rigidos
Divizaõ prezo, querem tirar-lhe,
Mas elle receoso
Olha de revez horrido.

Eis lhe arremeça co' a fouce rigida;
Eis os afasta co' as azas rispidas,
Porém o sagaz bando
Furta-lhe o corpo subito.

Então hum Genio de glorias avido
Por traz curvado do bando intrepido,
Ligeiro chega, e solta
Ao prizioneiro, rapido.

Vôa com elle chêo de jubilo
Fendendo os áres ao Templo lucido
Da sempiterna gloria
O Vencedor aligero.

Porém apenas o velho horrifico
Devisa o furto, possante, e rabido
Agita as negras azas
Com horroroso estrepito.

Eis qu' empunhando lamina fulgida
Se vê nos áres Astrea integra,
Sustando a agil carreira
Ao voraz monstro perfido.

Então lhe grita: Suspende, barbaro,
O vôo altivo, qu' os annos inclitos
Do Grande Vasconcellos
Não te pertencem improbo.

Eu lhos defendo, lhos guardo placida
Nas máis brilhantes urnas riquissimas
No magestoso Templo
D' altos Heroes magnificos.

Tu que me fercas alado sequito ;
 Desprega as azas com prazer Celico
 De verde louro a fronte ,
 A clara fronte eura-ma-lhe.

Sõem nos Orbes louvores candidos ,
 Louva o famoso Heroe magnanimo ,
 Que sabe unir comigo
 A sãa Piedade sólida.

Os meus Altares defende impavido ,
 Equilibrando sempre rectissimo
 Minha legal balança
 Com equidade publica.

Os seus estudos são os seus Titulos ,
 Por toda a parte são seus meritos ,
 Seu nome não precisa
 Gravado ser nos marmores.

Os Apolineos Cantores mellicos
 Co' as brandas lyras , co' as tubas Epicas
 Seu nome levarão
 Além das eras rapidas.

Tu mesmo, cáro Lereno placido,
 Com subtil plectro ferindo a Cytera ,
 Com teus sonoros Versos
 No Mundo o farás celebre.

E tu, suberbo tragador soffego,
Respeita os annos, qu' eu guardo impavida,
Ou treme feroz monstro
Desta qu' empunho lucida...

Disse, e barendo co' as plumas nitidas,
Vôa soltando mil raios fulgidos,
Deixando ao voraz Tempo
Mordendo-se fernetico.

Por Francelio Vouguense.

NO FAUSTISSIMO DIA NATAL
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
S E N H O R
CONDE REGEDOR.

O D E

Dirigida ao M. R. Sr. Beneficiado
Domingos Caldas Barboza.

E Ia Sublime sonoro Caldas,
Improviso Cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enastra de frondosa rama;
O fogo que respira
Nos Versos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu figo: e o vôo rapido qu' ergueste
Do ninho Americano, onde nasceste.

Eia anima o meu canto, ao Ceo sagrado
Eu me sinto levar; toco co' a frente
O convexo d' abobeça azulada
Do Astro refulgente,
Já vejo o Disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sobre hum lenho intrepido sulcaste,
Quando o Cruzeiro lucido encaraste.

Lá vejo a praia, lá descubro a arêa,
 Na qual eleva a torreada frente,
 A quem Neptuno cede o Sceptro undoso;
 Lá vão pelo Horizonte
 As amêas do muro magestoso,
 Que em torno cinge a inclita Ulissea,
 Corte famosa, que avistando honraste,
 Quando as arêas humidas beijaste.

Ah! tu não trazes ó metal luzente,
 Os accesos rubins, os diamantes,
 Nem esses lenhos nos sertões cortados,
 Nem aromas fumantes,
 Que ponhas nos altares consagrados,
 Que offerta o rico lucido Oriente;
 Mas Versos urdes de immortal belleza,
 Sublime vôz da simples Natureza.

Ah! tu de Vasconcellos hoje o dia
 Natal na Lyra, que te déra Apollo,
 Aos Astros leva, donde mora Astrea,
 E de hum a outro Pollo;
 Leva a gloria da inclita Ulissea
 Na improvisa, na doce melodia,
 Sôe o seu repentino altivo canto,
 Q' a mim, ao mundo possa encher d' espanto.

Eu confundido qual mesquinho Ganço
 Entre bandos de Cisnes sonorosos ,
 Que nas Ímeneas ondas se mergulhaõ ,
 E bebem dos undosos
 Rios , que no Parnaço inda borbulhaõ ,
 Taõ remontados vãos não alcanço ,
 Que Versos possa urdir alti-sonantes ,
 Mais sublimes qu' o oiro , qu' os diamantes.

Já a par de hum Bizavô , qu' o vacilante
 Reino susteve nos nervosos hombros ,
 Pela Patria infeliz sacrificado ,
 Entre pasmos , e assombros
 Lá lhe levantaõ busto consagrado ,
 Fundido do metal puro , e brilhante ,
 Outros ja pulem os penhascos broncos ,
 E já dos bosques defarreigaõ troncos.

A empresa he grande , porém tu sobejas ,
 Cinge-te a ella , sonoro Caldas ,
 Desprega as aureas magestosas pennas ,
 Pois do Parnaço as faldas
 Deixas , e sóbes , as mansoens serenas ;
 Mas se outros vates inclitos desejas ,
 Que rouca tornem esta lyra minha ,
 Tens os Cisnes qu' o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem contigo o Natal dia,
 Que tantas vezes seja repetido,
 Q' Apollo gaste o coche, e gaste as rodas;
 Louvado, e applaudido
 Seja dos Povos, e das Gentes todas,
 Que chãos de prazer, e de alegria
 Lhe augurem para sempre dilatados
 Seculos pelos Ceos abençoados.

José Agostinho de Macedo,
Na Arcadia de Roma, Elmiro Tagideo.

NO DIA DOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOSE' DE VASCONCELLOS,
E SOUZA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c.

O D E.

EM quanto o vaõ caprixo os homens leva
Atravez da razão, e da verdade,
E a sanguinosa Guerra os dentes ceva
Na triste humanidade,
Não cantes, Musa infana,
O fero General accezo em ira,
Que hum flagello cruel da raça humana
Não merece o louvor de aburnea lyra.

Lanço-te os olhos, consternada Europa;
Por toda a parte o sangue derramado
Em negros turbilhões a terra ensópa:
E o pálido Soldado
Fiel, e obediente,
Por dar aos seus Maióres, Fama, e Nome,
Vai acabar qual victima innocente,
Supportando o rigor do ferro, e fome.

Naõ

Naõ mais, naõ mais , o véo do Esquecimento
Cubra esta scena misera , e mesquinha ,
Pela estrada do Saõ Merecimento ,
O' Musa , me encaminha :
A mente naõ me illude ,
O caprixo , a ambiçaõ , e a falsa gloria ,
Demos incenso á sólidã Virtude ,
Base immortal do Templo da Memoria.

Mas que Prudente Heróe , Sabio , Piedoso ,
Amigo da Razaõ , e da Equidade ,
Deve levar meu canto sonoro
Além da Eternidade ?
Preclaro Vasconcellos ,
Se eu ouço a Gratidaõ , se escuto a Fama ,
Se busco da Virtude altos modêlos ,
Tu es o assumpto qu'a minh' alma inflamma.

Tu proteges as Musas desgraçadas ,
Que nascêraõ no seio da Pobreza ;
Tu prézas as Sciencias , desprezadas
Do Orgúlho , e da moleza :
Honras a Humanidade ,
Dos torpes vicios a cerviz sopêas ,
Ouves benigno as vôzes da Verdade ,
E á perfida Calumnia a lingua enfrêas .

Descendente de Reis , de Heróes Famosos ,
Creado no regaço da Opulencia ,
Não votas os teus Dias preciosos

A inutil Indolencia :

Em honrosa porfia

Ao Rei , á Patria , á Gloria dedicado ,
Ganhas novos troféos de dia em dia ,
Que não se compraõ com o sangue herdado.

Entras de Afrêa no Sagrado Templo ,
A Innocencia respira , e treme o crime ,
Executor da Lei, es vivo exemplo

Da rectidaõ sublime :

Da intriga , e da Chicana

Os enredos subtis cautõ descobres ,
Appellida-te o Mundo , e não se engana ,
O Esteio da Justiça , o Pai dos Pobres.

A opprimida Indigencia em ti descança ,
Nem do rico o Direito he arbitrario ,
Nem dos miseros Orfaõs rouba a herança

O Tutor usurario :

~~1972~~ O Rabula insolente ,

Em vaõ para enganar-te a penna toma ,
Tu combinas as Leis , e tens na mente
As Leis do teu Paiz , e as Leis de Roma.

Honra dos Sabios , Senador Egregio ,
O conceito geral assim te aclama ;
E o teu Nome sobio ao Throno Regio
Sobre as azas da Fama :

A Singular MARIA

Por quem Lilia derrama o pranto terno
Amante da Justiça , te confia
Das Justiças o gravido Governo.

De teu nobre suór , teu zelo honrado ;
Ainda espero qu' o premio hum dia vejas ;
Mas tu no berço dos Heróes creado

Só a Gloria desejas :

Dest' arte Roma via

Hum digno Heróe , que á Patria se votava ,
E que da Patria nada mais queria
Que o verde loiro com que a fronte ornava .

A Mão que rege dos mortaes a sorte
Abre-te os cofres da immortal Ventura ,
E por premio te dá Fiel Conforte

Dé rara formosura :

Com ella a vida passas

Izento de cuidados roedóres ,
Vês no seu rosto as pudibundas Graças ,
E em seus olhos gentis vês os Amores .

Deſta doce união no Ceo tecida
Logras em paz o fructo abençoado,
Da ſuſpirada Prole Eſclarecida
Em torno rodeado:
Entre os braços apertas
Os candidos Filhinhos, e a Conforte,
Nos deveres de Pai, e Eſpoſo acertas,
Vives ditoso, e não te affusta a morte.

De balde Atropos fera o fio rompe
De hum Virtuoso Heróe, qu' a Fama crôa:
De balde a fria carne ſe corrompe,
E o ſolto Eſprito vôa:
A Juſtiça, e a Verdade
Lhe erguem Padrões, q' o Tempo não confome;
E aſſim nos transmitio a Antiquidade
Dos ſeus Grandes Heróes a Fama, e o Nome.

A Verdade, e a Juſtiça, a quem amaſte,
Te levarão aos Seculos vindouros,
E da Memoria as Filhas, qu' afagaſte,
Te crôaráo de Loiros:
Chorado dos Humanos,
A quem d' alta Virtude exemplos deſte,
Será teu nome amado eternos annos,
E da auſtera Virtude o premio he eſte.

Por Anacleto da Silva Moraes.

NO

NO DIA EM QUE OS POETAS AMIGOS DE LERENO
O AJUDARÃO A LOUVAR O SEU BENIGNÍSSIMO
BEMFEITOR

O ILLUSTRÍSSIMO , E EXCELLENTÍSSIMO
SENHOR

JOSE DE VASCONCELLOS , E SOUSA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c

NA PESENÇA DE S. EXCELLENCIAS:

E Stes os Vates , os sonoros vates ,
Que no sagrado azylo ,
Em qu' a vossa piedade o tem , e acolhe ;
Para si , para vós Lereno escolhe :

Eu só não bastarei ; não posso tanto ,
E não louvadas ficaraõ , e occultas
As Virtudes que saõ
Proprias a exemplo , dignas de liçaõ :

Cem mãos não tenho , é q̃ occupar cem pennas,
E bem qu' a Centiligue assas me ajude ,
Devem dar-me soccorro outras Camenas ;
Tanto dá que louvar vossa virtude .

Inspira tu , inspira , ò digna Esposa
 Do meu excelso Heróe , cára metade ,
 Taõ linda , e taõ formosa,
 Como he linda , e formosa a sãa Verdade .

Naõ procuro o pincel , naõ peço as côres
 Com que Graças , e Amores
 De mãos dadas co' a sabia Natureza
 Em ti formaráõ singular Belleza.

Oh ! Arte divinal , dos Ceos mandada
 Para cantar seus dons ;
 De Amira honrar as graças naõ estudes ,
 Voêmos mais , honremos-lhe as virtudes .

Claro exemplo de Filhas , e de Esposas ,
 E de Mãi , doce exemplo
 A providente Musa ha-de guardar-te
 Da Memoria no Templo .

Dos Lusos hum momento abençoado
 Ha-de ser sempre aquelle,
 Em qu' este Esposo te doou o Fado ;
 Elle he digno de ti , tu digna delle .

Limpa torrente que de Heróes dimana
 Vossos troncos iliustres fertiliza ;
 Ah ! quanto a grata gente Lusitana
 A voilã estirpe Augusta especializa .

Naõ,

Naõ, o Sabio José ouvir naõ deve
 Dos seus Maiores a sabida Historia ;
 Q' o meu ardente zelo hoje se atreve
 A sua separar de alhèa gloria.

Titulos , cargos , honras , afastai-vos ,
 E tu, antiga estimação herdada,
 Para outros guardai-vos,
 Q' o meu Heróe naõ necessita nada.

Vós , a que o Reinõ Luso deve tanto
 Fortes Monizes , grandes Vasconcellos,
 Fosteis os seus modelos,
 Mas eu mais alto o meu Heróe levanto.

Escuta , escuta , ò Filho afortunado :
 Vê , respeitavel Filho,
 Vê o caminho pelos teus trilhado,
 Da gloria a estrada tem diverso trilho.

Pendem elmos , alfangens , brôqueis , malhas
 Da Memoria no Templo ;
 Ah ! se te chama o Nume das Batalhas
 Tu naõ precisas d' hum estranho exemplô

Da outra parte , ó novo Conde , observa,
 Qual te brinda Minerva,
 Se ao paternal exemplo naõ te escuzas,
 Junto ao teu lado vaõ sentar-te as Musas.

Honra , honra ás Camenás
 Sê , como o Pai , feu protector, e amigo ;
 Terás em teu serviço as doutas pennas,
 Antes delle o Parnaso era mendigo.

Ficta humavez a irresoluta vista
 Decide-te, decide-te.
 A qual caminho abalançar-te queres :
 A idade chama já , mais não esperes.

Eis formosas Virtudes sociáveis ,
 Q' a teu amavel / Pai sempre acompanhaõ ;
 Ellas querem guardar-te ,
 E , aonde quer que vás , acompanhar-te.

Ahh chega , chega , a vê-las
 Co' a linda tropa dos Irmãos formosos ,
 E os olhos paternaes sempre piedosos
 Movem , movem-nos ellas.

Eis que á Justiça faz alçar o ferro
 Eis que alargueia os passos a Piedade :
 Punindo o vicio , e separando o erro
 Ouve com dôr a vóz da Humanidade.

Deixò o rigido officio ,
 Aonde a Lei seu coração constrange ,
 E mesmo para honrá-lo
 Deixò o Juiz , e só no homem fallo.

Aos Parentes ternissimo Parente ,
 Aos Amigos o mais fiel Amigo ,
 Parâ o grande , e pequeno sempre humano ,
 E mais que humano para o que he mendigô.

Fostes pedida , ò adorada Prole ,
 O Mundo , o pobre Mundo precisava
 Não successor dos cargos lisongeiros ,
 Mas de Virtudes sâas dignos herdeiros.

Em vão se jactem outros
 De trazer Povos a feu carro atados ,
 José faz de infelices venturosos ;
 Mais do q̄ aos homens he vencer aos Fados .

Eu mesmo , eu sou exemplo ,
 Ouvem-me em roda gratos companheiros ,
 Respiramos aqui huma aura pura ,
 José vencêo a nossa má ventura .

A gratidaõ no peito me bafeja ,
 Hum fogo activo q̄ a meus hymnos cresta ,
 As azas com qu' ao Ceo subir forcejaõ ,

Em vão fracos adejaõ ,
 Rojo na Terra : não , não posso tanto ,
 Vates amigos , ajudai meu Canto .

Disse.

O Beneficiado Domingos Caldas Barboza.

E P I S T O L A

A BELMIRO TRANSTAGANO.

Caro Belmiro, meu prezado Amigo,
 Sabio filho d' Apollo, a quem as Musas
 De verdejante loiro a fronte cingem:
 Como he possivel, que em teu docil peito
 Infame ingraticidãõ entrar pertenda?
 Como he possivel, que deixar intentes
 Sem motivo real, sem justa causa,
 A nossa Arcadia em triste soledade.
 Queres abandonar fieis amigos,
 Qu' estremecem por ti, que por ti choraõ,
 E que ja mais da candida amizade
 Souberaõ quebrantar as leis sagradas,
 Por loucura d' hum Zoilo arrebatado!
 Ah! vê Belmiro meu, vê que he desdoiro,
 D' huma cega paixãõ seguir o impulso.
 Se os altos Numes da razãõ fizeraõ
 Brilhar em ti a tócha inextinguivel,
 Não queiras offuscar luzes taõ bellas
 Entre as sombras do ódio, e da vingança.

Que não diria a gente ajuizada,
 Se obrar te vira assim errado, e louco?
 Diria, que eras tal, qual o fugeito,
 Por quem deixar-nos queres seccamente;
 Pois se este foi ingrato em conspirar-se

Cor

Contra o seu proprio amigo , e companheiro,
 Tu ingrato es tambem , pois que pertendes
 Deixar tantos amigos , tantos socios,
 Que ja mais em seus dias te offenderaõ.
 Que não diria o Mundo se observasse,
 Que sendo tu dos Socios primitivos,
 Que este Corpo a formar principiaraõ,
 E que tens augmentado a sua Gloria
 Com assiduas fadigas literarias,
 Tentavas hoje, o nome teu manchando,
 Deixa-lo , e semear nelle a discordia,
 Que n'outro tempo em teus sonoros Versos
 Fugir fizeste d' aprazivel margem
 Do crystallino Tejo , em ferreo carro
 Tirado por horriveis negros monstros
 Té ao centro do Baratro profundo.

Que não diria o mesmo teu Contrario ?
 Chêo de presumpção talvez dicesse,
 Que a tua retirada era receio
 De repetires Versos junto a elle.
 Ah ! meu prezado Amigo , eu te recordo ;
 O que o Grande Boileau dizia destes.
 Dizia , que mais util lhe era o odio,
 E a vil mordacidade de mil Zoilos,
 Que sempre os Versos seus calumniávaõ ;
 Que seu fraco talento , a quem a França
 Continuamente dava mil-louvores.
 Elles sabem livrar-me , elle dizia,
 A cada passo de cahir em erros,

Erassim de seus malevolos furores
 Venho sempre a tirar grande proveito
 Cuidadoso evadindo as minhas faltas.

Eis aqui, meu Belmiro, o que tu deves
 Obrar tambem como prudente, e sabio.
 Deixa embora rosnar Zoilos malditos,
 Deixa chover mil Satyras infames;
 Que a justa imparcial Posteridade
 Lerá os Versos teus chêa de attombro.

Em vez de abandonares esta Arcadia
 Como, ingrato Belmiro, projectavas,
 De mãos dadas cõ os seus fieis Alumnos,
 Que te estimaõ, que te amaõ, que te adoraõ,
 Façamos que ella venha a ser olhada
 Com respeito dos Povos do Universo.

Tu mesmo eterno a ti te iras fazendo.

Bernardes Ep. XV. a Ruy
Gomes da Grãa.

EPISTOLA.

SE Eu pudera do Pindo alto, e frondoso
Subir, Caldas prezado, ao verde cume;
Se o loiro Febo alli, se as Irmãs nove;
Em feu fogo divino me accendêrao;
Se partissem comigo a vóz doirada,
Que sôa pelos seculos avante;

Se

* Ao M. R. Senhor Beneficiado Domin-
gos Caldas Barboza.

Se tão mimoso seu, qual he Lereno,
 Fosse o rouco, o rasteiro, o inerte Eurindo;
 Quem cuidas tu (responde amigo caro)
 Que nas fulgentes azas de meus Versos,
 Se salvára da morte, e ao Ceo voára?
 Sollicito, a fallar te a percebias;
 Mas o singelo Alcino a mão tomando,
 Desta arte, em teu lugar, falla, e responde:
 C' o famoso Plutarco a Esparta fôras,
 A Utica, a Cartago, a Roma, a Athenas,
 Ou antes, c' o teu Couto, e c' o teu Barros,
 (Accezas toxas, que entre nós chammejaão)
 Voáras lá, onde queixoso, e placido,
 Entre frescos palmares corre o Ganges;
 Alli, as armas, e os Heróes cantaras,
 Que da occidental praia Lusitana.....
 Não, amigo, a Candura, a Ingenuidade,
 Teus Numes não são só: Tambem as prézo;
 Incensos tambem queimo em seus altares.
 Desfonhadas Republicas me rio:
 Da Grecia hum só momento eu não sahira,
 Se todos fossem Socrates na Grecia:
 Mas a bárbara, a iniqua, a audáz, a ingrata,
 De mentidas virtudes toda ufana,
 O claraõ das de Socrates a terra:
 Porque ama os Deoses, porq' as Leis adora,
 Porque he justo, sensivel, terno, humano;
 Porque os vicios combate, he delinquente:
 De frigida cicuta o mortal succo,
 Pe-

Pelas vèas lhe espreme a atróz Maldade.
 Oh Socrates! oh Socrates! tão digno
 Da vida que te arranca a infame Inveja!
 Com semblante sereno, a fatal taça
 A bocca pôes, impavido, e seguro;
 Acabas, mas acabas sem remorsos.
 Não morre assim, por certo, esse Alexandre,
 Grande chamado por violar socegos,
 Usurpar Reinos, arrazar Cidades,
 Roubar thesouros, derramar de sangue,
 De sangue humano lastimosos Rios.
 S' isto he ser grande, eu quero ser pequeno;
 Nutrir no peito meu, tão apoucado,
 Tão breve coração, como a estatura.
 He impio Coge-Atar, traidor se chama,
 Porque os filhos defende, o Rei, e a Patria;
 Porque a cerviz esquiva a hum jugo estranho;
 Porque lhe arde espriar-se em Rios de oiro:
 E não he impia coiza, á sombra augusta
 Da santa Paz, das Portuguezas Quinas,
 Badur assassinado ante o graão Nuno!
 Da crespa Diu os fortes baluartes,
 Dos abyssos no seio, não sei como
 De vergonha, e de horror se não fumiraó!
 Taes são meus sentimentos, tal o affecto,
 Que á verdade eu consagro: infere agora,
 Alcino meu, daqui, fizudo attenta,
 Se eu mandaria da Memoria ao Templo,
 Taes Gentes, taes acções, taes feitos de armas?
 Inda,

Inda , graças aos Ceos , não sou Confrade ,
 Inda não levo no infernal contracto ,
 Dos desvairados , miseros Orátes .
 Ferros não temo , não me affustaõ roncas ,
 Mas agastar-me finto ao ver Defuntos .
 De parvo , a meu pezar , me trata embora ,
 Que eu amo a doce paz , e unicamente
 As virtudes pacificas me aprazem .
 Tu ris , Lereno amado ? e c' o meneio
 Dos prespicazes olhos , do semblante ,
 Como que approvas o pensar de Eurindo ?
 Se seus Fados lhe dessem que assim fora
 Por quaõ ditoso , Eurindo se tivera !
 Sei, que o Mal te aborrece , o Bem te enleia ;
 Que hum coração te ha dado o ser supremo ,
 Ondé mil dotes candidos se acolhem .
 Eis o porque no numero entrarias ,
 (Numero affas restricto , affás escasso)
 Daquelles que eu contára se loubera .
 Não cuides que te adulo : hum odio acerbo ,
 Jurei no berço á perfida lisonja :
 Guerra , guerra com ella , a ferro , e fogo ,
 Quiz sempre, e quero: a mesma alem da morte
 Me verás ter co' a fordida Tolina .
 Embora , huma, e mil vezes , generoso ,
 Da remota Timor na fina Xavena ,
 Com risinho semblante me appresenta
 O recendente perola fumando ;
 De hum lado em lascas , crystillino assucar ,
 Que

Que escurece ; qu' afrônta a neve Alpina ;
 D' outro , a fulva Britanica Manteiga ,
 Ampla doirando as providas fatias .
 Embora do Londrino alaranjado ,
 Feiticeiro pedaço o prato ajoje ;
 Em frente , Alentejaõ , bojudo paio ,
 Da côr qu' os horizontes alcarifa ,
 Quando o rubido Sol no Mar se banha ;
 E em torno mil botelhas requestadas ,
 Onde jaza ha dois lustros prizioneiro ,
 Do Tejo , e Sado , o balsamo celeste ,
 Que em risos troca os lividos pezares ;
 Ou ao revez (seguindo hum rumo opposto)
 Dura , eterna Abstinencia o Sceptro empunhe ,
 Despiedado jejum reine em teus lares ;
 Sempre o mesmo ferei franco , sincero ,
 Sempre direi que és unico na rima ;
 Que és raro na invençaõ , q' és na linguagem
 Pulido , e puro , escrupuloso , e vasto ;
 Sempre direi : qu' izentos , que seguros ,
 S' achão teus Versos , de embrulhar nas tendas ,
 Figos , adubos , velas , e toufinho ;
 Que de imagens vivissimas , immenso ,
 Radiofo Esquadraõ prompto a teu mando ,
 A hum leve acceno teu bătendo as azas ,
 Por teu Canto difunde as finas côres ,
 Que alheias de si mesmas , transportadas ,
 Torna as sensiveis almas que te escutaõ .
 Que naceste Poeta , e que incansavel

C' os preceitos uniste a natureza.
 Que de hum firme caracter te revestes ;
 Que ás Estrellas o merito levantas ;
 Que se o Ceo te escutára , se puderas ,
 Não houvera no Mundo hum desgraçado :
 Sobranceiro ficando a dons tão grandes ,
 Entre elles sendo , em formosura , e raios ,
 Qual entre os rosas fulgido brilhante ,
 Da Gratidaõ o dote sobre-humano ,
 Ouvir-me-ás isto , amigo eternamente ;
 Tambem me ouvirás sempre : que a despeito
 Da magra Detracçaõ , baixa ferina ,
 Nas azas dos accezos Dythirambos ,
 Ha-de (Sabio Lereno) o delicado ,
 O corrêcto Belmiro eternizar-se.
 Qu' a despeito dos rigidos diçtames ,
 Que austero segue o serio Neptunino ;
 Dos pasmosos revezes , com que intenta ,
 Lançar por terra as plumas , e os toucados ,
 Os listões varios , os brilhantes cintos ,
 Que tornaõ mais gentil , o gentil sexo ,
 Qu' ha-de ser sempre o arbitro da Terra ;
 Lá com tudo suspira o nosso Hiraclito ,
 Lá sente hũ não sei que , q' a alma lhe punge ,
 Quando a rosada Lilia nella emprega ,
 Com piedoso volver , rasgados olhos :
 Lá sente hũ não sei que , (não sabe o como)
 Ao ver brincar os Zefiros , co' as negras ,
 Anneladas madeixas da alva Lilia !

Mas

Mas vejo , amavel Caldas , que te enojas
 De taõ comprida arenga , e que a sonora
 Lyra tomando , que te affina Apollo ,
 Vás nella eternizar do graõ Pombeiro ,
 Da illustre Esposa , virtuosa , e linda ,
 Os claros Nomes , meritos sublimes.
 Da fresca Bellas os annosos troncos ,
 Mover (que affombro !) vejo ao som divino.
 Nas encospias me meto : ouço-te , e calo :
 Em seu cizo , quem ha-de em seu acordo ,
 Arco tomar , abalançar-se ao Canto ,
 Quando o déstro Gervai aos ares manda
 O meigo som da harmonica rabeca ;
 Ou quando ao vento , em rapidos gorgeios ;
 Solta a magica vóz Caporalini ?

Eurindo Nonacriense.

S O N E T O.

Porque me roubas o descanso antigo ,
 Amor, tyranno Amor, falla , responde,
 Q' por mais q̄ minha alma inquiras, e sonde,
 Culpa não vejo para tal castigo .

Se frouxo á tempos tuas leis não figo,
 He medo ás fraudes , q̄ teu gesto esconde :
 Dize , inhumano , donde nasce, donde ?
 Tanto, tanto rigor, que usas comigo?

Mas Ceos ! Marcia gentil teu roubo ampara
 Márcia gentil encanto sem segundo
 Para meus pulsos laços mil perpara !

Eu entro , eu entro nas prizões jocundo ,
 Ah ! se o teu fogo, brando Amor, faltara ,
 Q' horror não era subsistir no mundo.

Belmiro Traustag.

SONETO.

SE intentas ser meu barbaro homecida ,
 Basta, Cupido , basta de tormentos
 Tens duras fréxas , tens grilhões cruentos,
 Ata-me as frouxas mãos , rouba-me a vida.

Mas deixa que o meu bem, Marcia querida .
 Soltar me veja os ultimos alentos :
 Não separes de mim , nem por momentos
 Quem tanto enlêa esta alma enternecida .

Os ais te movaõ , que derramo a espaços ,
 Primeiro rasga o peito meu constante
 Do que tentes romper taõ firmes laços .

Marcia me aperte no final instante ,
 Qu' antes morrer desejo entre seus braços,
 Do que viver dos olhos seus distante .

Belmiro Transtag.

S O N E T O.

JA' matizando os Ceos de vivas côres
 Vinha a brilhante Aurora destoucada ,
 E inda sobre o meu peito fatigada
 Laura dormia , Laura os meus amores :

De terna magoa , d' horridos temores
 Vejo minha alma a hum tempo salteada ;
 Sinto privar do somno á minha amada ,
 Temo vejaõ , que logro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto , e ternura ,
 Vistos somos d' espia vigilante ,
 Qu' o nosso affecto destruir procura .

Vou-me, deixo o meu bê, des-de esse instante ,
 Cançados olhos , olhos sem ventura ,
 Nunca mais vistes seu gentil semblante.

Belmiro Transtag.

S O N E T O .

Rizonha margem do aprazivel Téjo ,
Donde o Ceo me roubou Laura amorosa
Naó fei , que nuvem negra , e pavorosa
Me cobre o coração , quando te vejo .

De scena atroz , qu' em vaõ riscar desejo
De minha alma infeliz, terna , e saudosa,
Tu me avivas a imagem lastimosa
Rizonha margem do aprazivel Téjo.

Se já findou em ti minha ventura ,
Findem tambem meus horridos tormentos;
Da-me em teu feio morte , e sepultura.

Que em tantas magoas, damnós taó violentos
Destina Amor, destina a forte dura ,
Qu' onde Laura perdi perca os alentos.

Belmiro Transag.

S O N E T O .

N Aõ mais Naterciã receosa vivas
De que ando pezaroso de adorar-te ,
Qu' Amor aos olhos meus sabe pintar-te
Com gratas côres cada vez mais vivas .

Chorosa ás vezes de te ver me privas ,
Porque me incrépaõ d' estremofo amarte ,
Q' modestia! ah! meu bê, naõ fei mostrar-te,
Quanto me agradas , quanto me cativas .

Somos dignos de amar, sem susto amemos;
Quem murmura de ver-me a ti ligado
Embora, Encanto meu , fallar deixemos ;

Que ou teus dotes naõ tem inda observado ;
Ou se os observa, e culpa os meus estremos,
Tem d' hum rochedo o coração formado.

Belmiro Transtagã

M O T T E

A doce gloria de viver comtigo.

S O N E T O .

N Aõ sei, Marcia , não sei que laço forte
 Me traz ligado a ti , qu' hum só instante
 Me não posso apartar de teu semblante ,
 Por mais , e mais tormentos , q̃ suporte .

O cego errado mundo , a iniqua forte
 Me vedaõ, qu' eu te logre em paz constante,
 Quando o amor, q̃ te abraza o peito amante
 Faz, qu' eu sõ deixe de te amar por morte.

Lei do Destino , lei severa , e dura
 Me condemna a soffrer o atroz castigo,
 De tanto vêr turbar nossa ternura.

Ah ! qu' infortunio o meu, senaõ consigo ,
 Antes , meu bem, que chegue á sepultura,
 A doce gloria de viver comtigo .

Belmiro Transtag.

EPIGRAMMA I. *

Zoilo mordaz me insulta impaciente,
 Mas delle se publica,
 Que os máos Poetas louva, e os bons crítica.
 Se a Apollo tal consente,
 O' Zoilo, ò maldizente,
 Não sabes não depois que te conheço,
 Quanto as criticas tuas agradeço.

EPIGRAMMA II. **

OFogo de teus Versos me exageras,
 E logo me atleveras,
 Que leves manchas nelles se devizaõ,
 Mas eu tenho observado,
 Que os Versos todos, que me tens mostrado
 Manchas não tem, só fogo he que precisaõ.

Belmiro Transtag.

CAN-

* *A hum Zoilo.*

** *A hum máo Poeta que dizia, que nos seus Versos algumas pequenas manchas se encontravaõ, mas que em fogo nenhuns lhe excediaõ.*

CANTILENAS

ANACREONTICAS.

DE BELMIRO TRANSTAGANO.

I.

EM quanto o meu Zoilo
Convulso d' inveja
De longe infessante
Me ladra , e moteja.

Eu furdo a seus eccos
A Lyra pulsando
Meu nome eternizo
De Inalia cantando.

A' baixa lizonja
Louvores não urdo ,
Nem fofô á vil plebe
Com trovas aturdo.

Erato me empresta
Armonica Lyra,
E Amor he sómente
Quem Versos me inspira;

Aplausos mereço
D' Alfeno , e Jacindo ;
Elmiro me louva ,
E o melico Eurindo.

Ina-

Inalia mil vezes
Ouvirme procura,
E ao som de meu Canto
Se abraza em ternura.

Embora em meus Versos
Mil fatyras chôvaõ,
Se Inalia os estima,
E os fábios os louvaõ.

CANTILENA II.

O Sol transmonta	As magas vozes
Celia formosa	Solta entre tanto,
Bordando a esfera	Alegre os ares,
De côr de rosa.	Teu doce Canto.

A furto encrespa	Doudo te escuto:
Zefiro frio	Mas que reparo?
A limpa face	Volve teus olhos
Do manso rio.	Ao rio claro.

Destte penedo	Olha em cardume
N ^o agua pendente,	Virem das grutas
Que d ^e altos fetos	Barbudos Barbos
Enrama a frente.	Manchadas Trutas.

Comtigo ao lado	D ^e argenteas Bogas;
No pego undoso	D ^e azuis Fataças,
As leves redes	Chêas levanto
Lanço gostoso.	As verdes naças.

Des-de que pesco Mas q̄ me affombra ?
Neste remanço Tendo-te ao lado
Naõ tirei Nynfa Fôra impossivel
Taõ rico lanço. Ser desgraçado.

CANTILENA III.

Sonhei que a Fortuna
A mim se chegava ,
E abrindo seus cofres
Pedir me mandava.

Que julgas Inalia ,
Que mesmo sonhando
Pedi fervoroso
Por ti suspirando.

Prezumes qu' avaro
Ardendo por ouro
D'um Cresso, ou d'um Midas
Quis ter o thesouro.

Ou cres , qu' implorara
Diadema brilhante ,
Qu' imperio me desse
No meu semelhante.

Ou louco , e soberbo
Deixar com vã gloria
Meu busto no templo
Da fausta Memoria. Pois

Pois não , mesmo emsonhos
Pedi a ventura
De ver mais sensível
Tua alma á ternura.

CANTILENA IV.

As fuscas azas
Nesta espessura
Vem despregando
A Noite escura.

Ligeiras nuvens
O Ceo toldando
A luz a espaços
Lhe vão turbando.

Quebra nas fragas
O Tejo irado,
O Ceo fuzila
Do Sul nublado.

Ah , fea Noite ;
Qu' horror profundo
Não vens causando
No triste mundo.

Morno silencio
Opprime o ar :
Só rans palustres
Se ouvem coaxar.

Mas se hoje afurto
Alguns espaços
A minha Inalia
Vir em meus braços.

A tarda Lua
Sobre o Orizote
Levanta a frouxa
Palida fronte.

Manhá rizonha
Hei de chamarte ,
E em branca pedra
Farei gravarte.

CANTILENA V.

Vendado Nume,
Dá-me foccorro,
Que por Inalia
Suspiro , e morro.

Mas tu de ouvir-me
Zombas ufano ?
Tens como Inalia
Peito inhumano ?

Vingança toma
Da minha ingrata ,
O peito fere
De quem me mata.

Dos ais queixozos.
Deste infeliz ,
Tambem com ella
Mofas ! e ris ,

Por mim soluce ,
Chame Belmiro
Como por ella
Chamo , e suspiro.

Ah ! sem remedio
Vejo o meu mal:
Pedi foccorro
Ao meu rival.

CANTILENA VI.

Doce Milcenia,
Meu bem amado ,
Quem te motiva
Taõ grande enfado ?

Se te pergunto,
Porque te inflammas,
Entre suspiros
Falso me chamas.

Mostras no gesto
Vivo desgosto ,
Raivozo pranto
Banha o teu rosto .

Se exploro a causa,
Nada respondes,
Co' as mãos mimosas
O rosto escondes.

Os Ceos bem sabem	Ja mais perjuro
Se te offendi	Violei a fé,
Só se te agrava	Falte-me a vida;
Morrer por ti.	Se assim não he.

Deixa, Milcenia,
Zelos vorazes,
Dá-me hoje mesmo
Ou morte, ou pazes.

CANTILENA VII.

Tuas virtudes,	Preza a teus pés
Tirse facundo,	A Inercia geme,
São com affombro	Preza a soberba
Vistas no mundo.	Rabida freme.

Crôaõ-te as Musas	D' aureas virtudes
A eburnea Lyra,	Sempre escudado
Se as vozes sóltas,	Trazes ao vesgo
Febo te inspira.	Crime açaimado.

Tua alma exornaõ	Em fim cantar-te
Mil predicados,	Melico Tirse,
Es amplo abrigo	Quem poderia
Dos desgraçados.	Sem confundirse,

Mas és tão raro
Tão bom Cantor;
Que entoar podes
O teu louvor.

CANTILENA VIII.

Castiga os ingratos,	Dos olhos esportos
Amor desfigura	Da côr da çafira
O lindo semblante	A luz, a viveza,
De Jonia perjura.	A graça lhe tira.

Primeiro lhe rouba	O collo lhe empana,
As tranças doiradas,	As mãos lh' êtropece,
Depois as papoulas	Deforma-lhe o corpo,
Das faces rosadas.	A vôz lh' enrouquece.

Verei se entã posso
Deixar d' adoralla,
Já que me não move
Taõ fera encontralla.

CANTILENA IX.

Palreira Andorinha,
Q' á volta d'Aurora
Sempre és do meu somno
Cruel turbadora.

Naõ basta q'as Noites
Consuma charando
De Jonia voluvel
No genio pensando.

Naõ basta na idéa
Pintar a perjura
Fazendo ludibrio
Da minha ternura.

Cruel , para sempre ;
Q' ao somno me entrego
Piando , quebrares
Meu grato focego !

Ah! queira a Disgraça
Em paga , em castigo
Da fera impiedade ,
Que trataes comigo.

Q' rompaõ teu ninho
Mãos corvos infestos
Bem como a tyranna
Rompeo mil protestos.

CANTILENA X.

Se he tido por Nume	E o Vate de Thebas
O Tracio Cantor,	O mesmo alcançou ,
Por ser d' hirtas feras	Porque duras penhas
Feliz domador .	Cantando abrandou.

Eu sou mais que Nume ,
Eu mais consegui ,
Porque com meu canto
Inalia venci .

CANT

CANTILENA XI.

Ao tronco d'hũ Cedro Amor, lhe pergunto,
 De parras vestido Quê foi q̃ é teus braços
 C' os pulsos cruzados Lançou despiedozo
 Vi prêzo Cupido. Taõ rigidos laços.

C' os dentes mil vezes Foi Marcia, foi Marcia
 Os n'os remordia, Me diz soluçando,
 E as azas batendo Foi Marcia q̃ sempre
 De raiva carpia, Me está maltratando.

Os laços lhe quebro Foi Marcia, que pena,
 Molhados do pranto, Lhe torno ás rizadas,
 E pelos bracinhos Pois Marcia travessa
 Da terra o levanto. Tem hoje pancada.

As louras melenas, Irou-se o Fréxeiro
 Dos olhos chorozos De tal zombaria,
 Lhe afasto, e lhe bejo E hum ferrã vibrandõ
 Os labios mimosos. Assim me dizia:

Tu zombas, humano,
 Da minha quereza,
 Pois como suspiro,
 Suspira por ella

PARAPHRASE DO EPIGRAMMA

DE M O S C H O

O AMOR LAVRADOR.

Feito Colono	Delle á mão chêza
Amor hum dia,	Veloz tirava
N'um torto arado	Louras sementes,
Dois bois prendia.	Que ao chaõ lançava.

Com lentos passos	E em quanto alegre
N'umã alta ferra,	Isto exercia
Junto á rabiça	Aos Ceos olhando
Arava a terra.	Feroz dizia .

No braço esquerdo	Se não me outorgas,
Tinha enfiado	Jove potente,
Alvo cestinho	Pingue colheita
D' azul tramado.	Desta semente.

Qual por Europa
 Em Boi tornado
 Farei que puches
 Por este arado.

Belmiro Transtag:

AO GRANDE AFFONSO DE ALBUQUERQUE.

O D E.

Sobre as sonoras rutilantes azas
 Meus aureos Hymnos, que do Lethes zombaõ,
 Hoje, Albuquerque, subiraõ ás nuvens
 Teu grande illustre nome.

Das humanas acções árbitro o mundo
 D' inerte, e frouxo austero me accusara,
 Se hum eterno padraõ á gloria tua
 Meu canto não erguera.

Mas donde teu louvor começar devo?
 Se huns aos outros progressos se anticipaõ,
 Instaõ-me todos, que primeiro os cante,
 E a primazia altercaõ.

Prole de Febo sou, e as brandas Musas
 Regraõ zelozas meus accentos graves,
 Talvez pensasse leviano vulgo,
 Que eu decidir-me ousava.

Francas as portas do supremo alcaçar,
 Onde a Fama eterniza altas emprezas,
 A longa serie de heroismo vejo
 Do Luso novo Marte.

H ã

Da

Da foz do Tejo lá demanda os mares ;
 Lá treme o Oriente , lá se espanta o mundo ;
 Inclito esforço de pavés lhe serve
 Contra a desgraça infanda.

Por entre nuvens d' enrolado fumo ,
 Crepitaõ rouxas ponteagudas chammas
 Barma , Orfação , Pangim , Calicut vejo
 A cinzas transtornadas.

Pergamo assim , assim Carthago , e Tiro ;
 Victimas foraõ do voraz Vulcano ,
 Quando as vaidozas torreadas frontes
 Erguiaõ ás esferas .

Tu do vasto Indostan soberbo imporio ;
 Rebelde Gõa de Bastiões orlada
 Provaſte vezes duas d' Albuquerque
 Os bellicos furores.

Do fundo seio dos troantes bronzes
 Surge a Morte bramindo envolta em fumo ,
 Dardeja ás cegas coriscantes globos
 Pelouros incendidos .

De victoria em victoria Affonso võa ;
 Eu vejo Trisvari ao jugo atada ,
 E eis d' Aurea Chersoneso a terra bejaõ
 Os choridos Cubellos .

Ao som terrível das guerreiras caixas
Da Lufa tropa na brilhante frente,
Marcha a vitória de trofeos cuberta
Do grande Affonso ao lado.

Arabes , Persas , Corações , Rumés ,
Mais ao seu nome , qu' ao seu braço fogem ;
Naires facciosos , Brâmanes soberbos
O chaõ co' a plebe alastraõ.

A mente se me turba , eia foccorro,
Cýtherides gentis , qu' o brilho ardente
De taõ raras proezas me deslumbra
Os olhos abyismados.

Onor , Baticalá , Dabul , Cambaia
Mostraõ no rosto debuxado o susto.
Mascate , Homiliaõ , Lamo , Queixome
Rójaõ grilhões pezados.

Que horrivel scena junto a Ormus contemplo!
Do azul Nereo se cobre a crespa face
De Zambucos , Lancháras , Calaluzes ,
De fogo , e ferro armados.

Eis Albuquerque as bravas ondas fulca ;
Arma-se , corre , chega , opugna , vence .
No esquipado Paráo se furta á Morte
O Coge-Atar doloso.

Inviſto Heróe , teu ânimo naõ turbaõ oã
Cruéis revezes da voluvel forte.
Tinge teu ſangue com valor goſfado
O lar do atroz Ceráme. I

Reis de Pegú , Siaõ , Pacem , Maldiva
Supplices olhas a teus pés captivos.
Mais teus progressos qu' os teus dias foraõ ,
Devias ſer eterno.

Belmiro Tranſtag.

*Ce grand home , cet Albuquerque le
grand , auſſi heureux & redoutable pendant la
guerre , que craint & révéré pendant la paix ,
fut regretté de pluſieurs Princes qui a-voient
connu ſa valeur , et de toutes les Nations ,
qui a-voient éprouvé ſa clemence.*

*Neufille Histoire Generale de Port.
Tom. II. Liv. 8. pag. 466.*

ODE

A BELMIRO TRANSTAGAMO.

O D E.

EM vão, caro Belmiro, em vão ressurgem
Fantásticos Heróes, que o mundo assolão,
Das desertas Cidades sobe aos Astros
Ondada lavareda.

Do carro triumphal desbaratadas
Aos talhos da Fortuna as rodas saltão,
Varre a poeira o desabrido Boreas
Dos ignotos sepulcros.

Arrancados no ár choquem os montes,
Converteão-se em coriscos as estrellas,
Os soberbos padrões fortes resistem
Da proficua sciencia.

No regaço da paz, do intonso Nume
Os arrojados filhos te saudão
Em torno boqui-abertos decorando
Teus versos numerosos.

Quando pintas Lyeo descendo á terra
De vermelhas Donzellas rodeado,
Densa falangé de brincões Amores,
Rasgando os limpos arcs.

Ou na margem da fonte mudo , e quedo
O Fauno amante qu' a Nayáde espreita
O cincero villaõ cos bois tardios
Arroteando a veiga.

Ou embocando a sonorosa tuba
Do póvalentes capitães revocas ;
Alvejoõ no Oriente as prehes gavias
Do hellicoso Gama.

Nas ribeiras d' Ormus ardendo varação
Arrombados paraos , fustas , galeras ;
Na medrosa Cochim alça Pacheco
O guiaõ da victoria

De balde o genio da cruenta guerra
Do loire ao Ganges o terror difunde
No dourado Pagode as mãos aperta
O Bõzo espavorido.

Nos bosques do Premesso descanzando
Repentina desgraça não te affusta,
Em pedaços os bronzes se desfazem,
Vivem Delficos louros.

Arfante Galleão timido boia ,
Entre as ondas azues do manso pego ;
E na leve canõa o nú Tapuia
Ridos medonhos austros.

Assim

Assim apos dos Evos nebulosos nimbos
Teu nome voará de bocca em bocca ;
Os caminhos mostrando de alta glória
Ao erratico vulgo.

Facindo Olysiponense.

A BELMIRO TRANSTAGANO

Applicando-se aos Estudos Mathematicos, e
com especialidade á Astronomia.

O D E

Honrai , ò Mufas , a brilhante scena ,
Que o Genio vos preparará :

A agreste cantilena , e para
A flauta rouca se emudece , e para .

Sinto cahir do pé o humilde focco ,

E que o grave cothurno

Eú calço , quando tóco

A portentosa casa de Sathurno.

Sa

Sábio Belmiro, cuja vóz celeste
Os ouvidos encanta, e o coração
si Sim, do teu genio he este,
Que a minha Musa té aos Ceos levanta.

O Tempo não fará, q̄ tu te escondas
Na fombria caverna,
Em que Estigias ondas
A imagem mostraõ d'uma Noite eterna.

Cobre teus braços de ligeiras pennas,
E verás ao teu lado
O Amigo de Mecenas,
Que tambem foi em cisne transformado.
Já d'um rápido vôo ao Ceo te lanças,
Medes sua grandeza,
E com a vista alcanças,
Quantos mysterios cobre a Natureza.

Vês rodar junto a ti massas enormes,
E observás nas esferas
Ellas leis uniformes,
Que nossos Pais tiveraõ por chimeras:
Vês dos Planetas movimentos mil
De elliptica atracção
E que n'um ar subtil
Vaõ rodando atravez do turbilhaõ.

Cada qual te descobre do seu lado
As opacas enranhas,
E vês hum agregado
De mares; terras firmes, e montanhas.

De Jupiter seguindo a alta carreira
Teu tubo crystallino
Vê de Huygens a poeira,

Ou as pastas de neve de Cassino.

O! Deos! que me inspiras! Tu Minerva,

Que a Belmiro amas tanto,

Hum altar lhe reserva;

Em que receba os cultos do meu canto.

Ao biparrido Monte quando corro,

Dê subir sinto a pena,

Musas, a meu soccorro,

Honrai, ó Musas, a brilhante scena.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

Casidro Lisbonense.

EPISTOLA

P Edes-me, caro amigo, que te mande
 Alguns Versos, que há pouco tenha feito;
 Que tens saudades dessas toscas rimas,
 Que costuma inspirar-me o negro genio;
 Que me guiou ao Pindo, nesses dias,
 (Saudosos dias !) da primeira idade . . .
 Que resposta hei-de dar-te, meu Filandro ?
 A mesma que se dá aos mendicantes,
 Que esmolla pedem pelo Deos Supremo;
 Aos quaes, quando não podem soccorer-se;
 Dizemos, que por Deos também perdoem.
 Perdôa, pelo amor do loiro Apollo,
 Perdôa, amigo, agora não há troco,
 Quero dizer, agora não há Versos.
 E quando não, contenta-te com estes,
 Estropeados, mãos, sem rima, ou graça,
 Quasi rasteira proza, que te escrevo.
 Há tempos, que a estrada ja não pizo
 Dó alcantilado Pindo : da Hypocrene,
 Não sei ja que sabor as agoas tenhaõ.
 Não he perguiça, ingratição, ou medo
 Quem das Musas me traz taõ retirado .

He respeito , he decência : Tu bem sabes ,
 Que as Musas sempre amei , amo-as ainda ,
 Mas com que cara , dize , hei-de ir buscá-las ,
 Rogar-lhes que passem muito airozas
 Comigo pelas ruas da Cidade ,
 Se as vou expôr ao barbaro desprezo
 De Lapões , Hotentots , ou Samoiedas ?
 Finge tu , qu' eu entrava muito inchado ,
 Com a formosa Clio pelo braço ,
 Na soberba assembléa , angusta casa
 D' algum Milord destes , que a Fama canta ,
 Cujos robustos hombros já curvarão
 C' o pezo do barril , fardos , caixotes ,
 E que depois , subindo a largos passos
 Pela entrada do crime , e da avareza
 Poudes chegar ao Templo da Fortuna .
 Elle , e a gorda mulher que vendeo fruta
 Presidem nesta sabia Academia ,
 Brilhaõ em roda agaloadas vestes ,
 Rissadas testas de cabeças oucas .
 As lindas filhas do Milord sebento ,
 (Por quem a geração vem mil venturas ,
 Daõ ao circulo tom : se ellas approvaõ ,
 Approvaõ todos : se ellas desapprovaõ ,
 Todos condemnaõ ; são huns infalliveis)
 Oraculos do Pai , da Mãi , de todos .
 Ora pois , nesta casa taõ notavel ,
 Penfa , que eu entro , com a Musa ao lado ,
 A curiosidade , que em senhoras

He

He dom, taõ natural, faz que o rebanho
 Dos rissados, das toucas, e penachos
 Queira saber, que tal estylo, ou graça
 A minha Musa tem, pedem que cante.
 Eu, que de improvisar nada percebo,
 Puxo pelo caderno, e folhas tantas,
 Leio huma Ode altisonante, augulta
 Aos annos de hum Fidalgo, ou d' huma Freira,
 Declamada n' hum tom de Missionario.
 Alguns, os olhos fixos em mim tendo,
 Duvidaõ se deliro, ou sou possesso.
 As Madamas, as duas palhetadas,
 A cochixar, começaõ, e entre dentes
 A fallar sobre huns novos chapellinhos,
 Chefe d' obra de Londres, ou de Italia.
 Bocejaõ humas, e surrin-se outras,
 Até que eu chego ao fim do meu Poema:
 Páro, muito suado, e escuto attento
 Para ver se ouço hum *bravo* compassivo...
 Porém nada de novo: toda a chusma
 Começa a desdenhar, humas com outras
 Da sem sabor Poesia, e dos máos Versos,
 E lidos por papel, ah! que miseria!
 ,, Ai mana, que differença deste tollo
 (Aquella diz) ao Rimador *Termanio*, *

* *Termanio*. O. A. desta Epistola pede
 enca-

,, Q' huma noite (eu ouvi-o, não lhe minte)
 ,, Quatro horas fallou em Verso sempre . . .
 ,, Que lindas quadras ! pareciaõ mesmo
 ,, Dictadas por paixaõ . . . E b meu Josino
 ,, (A outra lhe interrompe) o mêz passado
 ,, No dia em que fez annos minha Prima
 ,, Achou-se lá , e fez tanto Soneto
 ,, Com mottes , e sem mottes , q' mais portas
 ,, Não tem a rua Augusta . Aquillo , mana ,
 ,, Aquillo he que são Versos . Taõ depressa
 ,, O motte se lhe dá , como elle lança
 ,, Subito pela bocca o seu Soneto !
 ,, Este , semfaboraã ! . . . eu dos seus Versos
 ,, Nada entendi : vejaõ que bellos Versos !
 ,, E como he incivil , que vem diante
 ,, De senhoras dizer Versos escuros
 ,, Que não fallaõ em settas , em saudade ,
 ,, Em pyra , em corações , mais em Cupido !

Em

encarecidamente aos seus Leitores , que não
 queiraõ fazer malignas applicações desta , e
 das outras pinturas , e caractères , puramen-
 te ideaes , que usou nestes , e nos seguintes
 Versos , ainda quando encontrẽm pessoas
 que com elle se pareçaõ .

Em quanto affim o amavel, bello Sexo
 Contra mim se conjura, d'outra parte
 Me julgaõ os Milords da Sociedade,
 Doutores no famoso Voltarete,
 No Baston, e no Whist. Hum diz, mofando,
 Que são frouxos meus Versos. Outro exclama,
 Que disse *Campo raso, e branca cara,*
Alma minha, e outras mais cacofonias,
 E que devõ por tanto ser levado
 Com baraço, e pregaõ a pelourinho
 Do sacro Pindo, e alli ser açditado
 Por tão horrendos crimes. D'outra parte
 Exclama hum cel'bre velho, que ronçara
 Em quanto eu repetia = Meus senhores
 ,, Gosto mais dos Romances do bom Chagas,
 ,, Do engraçado Bahia, tempos aureos!
 ,, Hoje depois que veio o tal Garçaõ,
 ,, Com seus magicos Versos dar-nos opio,
 ,, Toda a rapaziada o vai seguindo.
 ,, Acrofticos não há, não há Romances,
 ,, Já tudo se acabou; mas todavia
 ,, As douras Collecções de *Vigilancio*
 ,, Inda lá trazem coizas que se estimem,
 ,, Romances, e Oitavas jocosas,
 ,, E mais. . . . Velho q diz, q' está fallando?
 (E he diz hum Mathematico profundo,
 Que junto d'elle estava) tudo isso,
 ,, E tudo isto, e tudo o que são Versos
 ,, Hum aalfice não vale, tudo he nada.
 ,, Toda

„ Todo o papel em que se não descrevem
 „ Linhas , Circulos , Senos , e Tangentes ,
 „ E as mais figuras da Rainha augusta ,
 „ De todas as Sciencias , Geometria ,
 „ He perdido papel , perdido tempo .
 „ Ah não , de-me licença (o Velho torna)
 „ Rainha das Sciencias só chamar-se
 „ Deve a sagrada augusta Theologia .
 E sobre qual devera ser Rainha

Armaõ huma questaõ , que não podéraõ
 Desenvolver em mais de vinte mezes .
 Junto ao meu lado estava hum Petimetre ,
 Que tinha lido as Odes de Niffeno ,
 E as sabia de cór ; e mui sezudo
 Me pergunta , porque eu não usava
 De palavras *antigas* , e *compostas* ,
 Que sempre davaõ tom de magisterio
 A quem sabia usa-las Meu senhor,
 Eu fallo a lingua , que hoje fallar ouço ;
 E em quanto ás palavrinhas de cadea ,
 Não vejo que as usasse o meu Horacio,
 Malherbe , nem Rosseau , nem usou dellas
 Nosso Mestre Garçaõ , e o fábio Elpino .
 Entrava neste tempo pela sala
 O graõ *Gecabo* , Rimador famoso ,
 Que mil vezes a sabia Padaria
 Nos deyotos Oiteiros de Oratorios ,
 De carraasco , de malvas , e de ortigas
 Alegre caroára : que fallava
 Em verso de ouze syllabas , ou oito

Tres horas , quatro horas : cujos versos
 Eraõ o mimo das Peraltas todas ,
 Por seu extremo ardor , pelos transportes
 Elevados , que sempre respiravaõ.
Gecabo pois , o graõ *Gecabo* novo ,
 E sublime Quixote destas eras ,
 Despotico Sultaõ da Poesia ,
 Que a todos fere , e só a si perdõa ,
 Que para pasto dar ao negro genio
 Da Satyra malvada que o devõra ,
 A começa a empregar naquelles mesmos
 Generosos amigos , que o acolhem :
 Que antes da bocca quer perder hum dente
 Do qu' o fel d'hũ Soneto contra hũ homem :
 Este convulso pois , caustico genio
 Ouvindo que huma Ode eu repetira
 Franzio o beiço , enverrugou a testa ,
 E sahio desta tripode Cumana
 Este cruel Oraculo , ou sentença :
 „ Disse versos o Franco ? pobre moço !
 „ Bom rapaz , bom rapaz ! porém de versos
 „ Nada pesca coitado ! entusiastou-se
 „ Co' a semsabor Tragedia de *Sesostris* ,
 „ (Tragedia, qu' Entremêz chamarei antes)
 „ Q' imprimio mui contente, e quér por força
 „ Matar a gente com seus frouxos versos .
 „ Naõ haverá huma alma caridosa ,
 „ Que desabuse este teimoso Vatte ?
 „ Que lhe diga se deixe de Poesia ,
 „ Que deixe os versos, de que nada entende,
 „ Para

„ Para quem tem hum estro como eu tenho,
 „ Ardente , inextinguivel , infinito ,
 „ A que nunca já mais se vio o fundo
 „ Em oiteiros , e salas de Assembléas ;
 „ E que escreva Novenas para os cégos ,
 „ Entremezes , e Autos semfabores ;
 „ Eu fallo sem paixãõ : porém não soffro ,
 „ Q' onde estou mais ninguem repita versos ;
 „ Pois eu sei de memoria os que hei já feito ,
 „ Os que faço , e até mesmo aquelles versos ,
 „ Que hei de escrever daqui a vinte annos .
 „ Os meus versos são versos animados
 „ Pelo fogo do amor , e do ciume ,
 „ Ciume universal que me devora .
 „ E mais logo o veraõ . Venha já Motte ,
 „ Ou colchêa , ou heroico , o que quizerem ,
 „ Franco que toque a sua mã Rabeca ,
 „ Que da Rabeca do Delfim parece
 „ Ser filha , ou neta , e que os ouvidos quebra
 „ Aquelles desgraçados , que o escutaõ . „

Em quanto assim fallava o chá se avista .
 Começa o rancho todo a revolver-se ,
 Os tafuis a servir as senhoritas ;
 Sôãõ só as palavras costumadas ,
 De meu Prazer , minha Prizaõ , meu Tudo ,
 Meu filho , minha Mãi , minha Ternura ,
 E outros mais parentesco deste lote ,
 Que a tolice inventou : sôãõ nos ares

Entre o tinir das chavenas , lustrozas
 Senhorias aos pares , que revôão
 Sobre aquellas cabeças miseraveis ,
 Que morrem pela doce Senhora ,
 Tratamento maldito , que no mundo
 Tem causado mais mal , q̃ a Peste, e a Guerra:
 A Musa , vendo aquelle rebuliço ,
 Puxa-me pelo braço , e me aconselha ,
 Que me vá escoando para a rua
 Sem ruido fazer de despedidas .
 O seu conselho tomo . Saio , e desço
 A's escuras na escada tropeçando ;
 E ella apenas na rua me vê salvo
 Salta comigo , e diz : E's bem pateta !
 „ Não tórnes a levar-me a estas orgias ,
 „ Que tu chamas polidas Assembléas .
 „ Quando comigo conversar quizeres
 „ Procura hum verde bosque, hú manso rio ,
 „ Que solitario corre murmurando
 „ (Talvêz destas funções de que sahimos ,)
 „ E alli na margem sua socegada
 „ Cantar ouvindo as aves nos raminhos
 „ Te ensinarei os versos , que ensinava
 „ A Malherbe , a Garçaõ , ao teu Horacio .
 „ Foge do brutal vulgo , vê que Apollo
 „ Te póde castigar severamente ,
 „ Se a sua Arte divina profanáres
 „ Com barbaros Ouvintes , com Madamas ,
 „ Que de amores, e caés sómente entendem .
 Assim me falla , e fuge desdenhosa

Cortando o ár. co^e as azas rutilantes.

Aqui do meu disgosto tens a causa,
 E a causa porque versos já não faço.
 As Musas temo, temo o sacro Apollo,
 Não quero profanar sua candura.
 Quando me sóbe ao cerebro esquentado
 O Apolineo estro, tómo hum livro
 D^e algum deſſes famosos Poetaſſos,
 Que os grandes Genios amaó, e respeitaó;
 E com elle me enlévo, e me transporto.
 Toma o conselho meu, o mesmo fáze;
 E nos versos mais velhos do Universo,
 Nos Poemas de Homero, acharás Arte,
 Genio, e Saber, que possaó recrear-te.

Por Coridon Neptunino
J. F. de A.

C A R T A

CONTRA OS INTRUSOS POETAS
DO PRESENTE SECULO.

Ao Sr. Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Siqueira, Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima.

Qui nescit tamen Versus audet fingere
Horat. Art. Poet. V. 382.

DE donde vem, Belmiro, essa mania,
De rimar, que grassando geralmente,
A nossa Profissão nobre injuria?

Tem sido esta loucura tão vehemente,
Tão geral, que até oiço a cada passo
Fallar em trova a mais grosseira gente. *

Clas

* *A esta qualidade de trovas dá o Vulgo o nome de Chalassas.*

Clama com sem igual desembãraço
 N'hum oiteiro hum pedante = Venha Motte,
 Heroico , que eu só Verso , heroico faço.

Eisque parte ; e embuçado no capote ,
 Mil narizes de cera revolvendo ,
 Lá engendra hum Soneto ; e de que lote !

Hum Verso á redea solta vai correndo ;
 Outro hum passo não dá por alejado ,
 Com o motte nenhum conexão tendo :

Hum Quarteto com outro mal cazado
 Fazem com os Tercetos sem coherencia
 De rodilhas hum sujo apontoado.

Falta-me , Amigo, falta-me a paciencia
 Vendo palmas bater a hum Motte frio ,
 Sen ter de Verso ao menos a apparencia.

Querer atravessar hum largo Rio ,
 N'hum Taboa sem leme , vela , e remos ,
 Não ha maior loucura , e desvario .

Se hum Edificio levantar queremos ,
 Do fundamento sólido esquecidos ,
 Hum Edificio vão levantaremos.

Affim , Charlatães cegos , e atrevidos ,
 Não deveis de Vate o nome honroso
 Do nescio Vulgo aos vivas repetidos.

Não consiste n'hum Verso harmonioso
 Da Divina Poesia a Magestade ;
 Pede hum continuo estudo, e o mais copioso:
 Pede hum Estro, que espalhe a heroicidade,
 E a gloria verdadeira pelo mundo
 Nas azas da maior sublimidade.

Fede

Pede em fim hũ engenho alto, e profundo,
 Que louve tudo o que louvor merece
 Em estylo grandi-loquo, e jucundo.

Ah! se hum Charlataõ destes conhecesse,
 Quanto he raro hum Poeta verdadeiro,
 Talvez de nós, e de outros s' escondesse!

Se visse as Leis Poeticas primeiro,
 Ainda que de passagem, fugiria
 Até de apparecer em hum oiteiro.

Mas quaõ pasmosa foi sempre a ouzadia
 D' aquelle que ja mais vio o perigo!
 Quanto, se o conhecesse, tremeria!

Desengano a estes nescios, caro amigo;
 Cada vez mais, e taõ inutilmente,
 Que nunca o desengano feu consigo:

Antes, pelo contrario de repente,
 Armados da maior mordacidade,
 Vaõ atacar meu nome cruelmente:

Este clama, qu' em mim tudo he vaidade:
 Por aquelle os meus Versos saõ notados
 De ranço, de máo gosto, e de humildade,

Mas temo tanto aquelles loucos brados,
 Como o ladrar dos cães temêo a Lua:
 Seráõ baixos meus Versos, não errados.

Apregoem embora pela rua
 Os cégos mil papeis de taes Autores;
 Qu' envejar ninguem deve a gloria sua!

Trafiquem esses vís contractadores;
 Que nunca frias trovas, e Entremezes
 Os faráõ dignos de immortaes louvores.

Tão enfadonhas Obras duas vezes
 Não lerà , quem houver lido algum dia
 Os melhores Poetas Portuguezes.

O Sábio Venuzino bem dizia ,
 Que o combatente nescio , e sem destreza
 Largar as armas marciaes devia *

Com tudo sem saber , sem natureza ,
 Nem sombra de Arte hũ Charlataõ êprehende
 A mais difficil litteraria empreza .

Mas de Poeta o nome em vão pertende :
 Engane embora ao Vulgo com patranhas ;
 Que só honra o louvor de quem entende .

Homero merecêo honras ramanhas ,
 Porque soube cantar perfeitamente
 Do Valoroso Aquilles as Façanhas .

Com elle foi Plataõ sempre indulgente,
 Bem que do seu Imperio desterrasse
 Os mais Poetas , como inutil gente .

Se ao mundo este Filosofo tornasse ,
 E de taes nescios , chêos de ousadia
 As inspidas trovas escutasse ,

Da Republica logo os lançaria
 A pontapés , e ao menos o castigo
 De nunca mais fallarem lhes daria .

Mas que coiza ha no mundo , cáro Amigo,
 Por má em que não ache utilidade
 O Sábio discorrendo bem comfigo .

No

* *Ludere qui nescit , campestribus abstinet armis.*
 Horat. Art. Poet. V. 379.

Entre erros tanto, tanta obscuridade,
 Como a Luz mais nas trevas resplandece,
 Nossos Versos teráõ sublimidade.

Que nos são favoráveis là parece;
 Pois se cresce o seu cego atrevimento,
 A nossa gloria ainda mais alta cresce.

Mas eu antes quizera deste intento
 Tira-los, só por não ver condemnada
 A Poesia a hum tão grande abatimento:
 Em Satyras, * em trovas empregada
 Quem a vê, clama irado, que já deve
 Ser do Paiz das Letras desterrada.

Affim succederà; pois que se atreve
 A rimar hum tão misero Pedante,
 Que nem dê medir Versos lições teve.

Este, além de grosseiro, e de ignorante,
 Aos bons Poetas, que imitar devia,
 Fere com vóz mordaz, e petulante,

Mas quanto a minha penna em vão profia
 Em querer desterrar inteiramente
 Do Luso Imperio tão geral mania!

A ti, Belmiro, que és mais eloquente,
 Esta Empresa encarrego, já cançado:
 Reprehende, e ensina huma tão nescia Gente;
 Que talvez ceda ao teu mais doce brado.

Melizen Cyllenio, Arcad. Lust.

* Fallo das que tem por objecto pessoas
 certas com expressa declaração dos seus nomes,
 a que se chama Libellos infamatorios, prohibidas pelas Leis.

OITAVAS

FEITAS EM OBSEQUIO
DO NASCIMENTO
DO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. JOSE' THOMAS DE MENEZES,
FILHO DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTIS. SR.
D. RODRIGO JOSE' DE MENEZES;
Governando a Capitania
de Minas Geraes.

Pelo Dr. Ignacio José de Alvarenga.

I.

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos,
Revolvaõ-se no horror das sepulturas
Dos primeiros Avôs os frios ossos;
Qu' os Heróes das mais altas cataduras
Principiaõ a ser Patricios nossos,
E o vosso sangue, que esta terra enfopa,
Já produz frutos do melhor da Europa.

II.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz , com igual força gera ;
Nem o forte Leão fóra de Hespanha
A fereza nos filho degenera :
O que o Estio n'humas terras ganha ,
Em outras vence a fresca Primavera ,
E a raça dos Heróes da mesma sorte
Produz no Sul , o que produz no Norte.

III.

Romulo por ventura foi Romano ?
É Roma a quem devêo tanta grandeza ?
Naõ era o Grande Henrique Lusitano ?
Quem dêo principio a gloria Portugueza ?
Que importa que José Americano
Traga a honra , a virtude , e a fortaleza
De altos , e antigos Troncos Portuguezes ,
Se he Patricio este Ramo dos Menezes.

IV.

Quando algum dia permittir o Fado ,
Que elle o mando Real moderar venha ,
E que o bastaõ do Pai com gloria herdado
Do pulso invicto pendurado tenha ;
Qual esperais que seja o seu agrado ?
Vós exp'rimentareis , como s' empenha
Em louvar estas ferras , estes ares ,
E venerar gostozo os Patrios Lares .

V.

Isto que Europa Barbaria chama
 Do seio das dilicias taõ diverso,
 Quaõ differente he para quem ama
 Os ternos laços de seu patrio berço!
 O Pastor loiro, que o meu peito inflamma;
 Darà novos alentos ao meu Verso,
 Para mostrar do nosso Heróe na bocca,
 Como em grandezas tanto horror se troca!

VI.

Aquellas Serras na apparencia feias
 Dirà José, oh! quanto saõ formosas!
 Ellas conservaõ nas occultas veias
 A força das Potencias Magestosas:
 Tem as ricas entranhas todas cheias
 De prata, oiro, e pedras preciosas:
 Aquellas brutas, e escalvadas serras
 Fazem as pazes, daõ calôr as guerras.

VII.

Aquelles matos negros, e fechados,
 Que occupaõ quasi a Regiaõ dos ares,
 Saõ os que em edificios respeitados
 Repartem raios pelos crespos mares:
 Os Corintios Palacios levantados,
 Dos ricos Templos Jonicos Altares,
 Saõ obras feitas desses lenhos duros,
 Filhos desses sertões feios, e escuros.

VIII.

A c'roa de oiro , que na testa brilha ,
 E o Sceptro que impunha na mão justa
 Do augusto José a Heroica Filha
 Nossa Rainha Soberana Augusta ;
 E Lisboa da Europa maravilha ,
 Cuja riqueza todo o mundo affusta ,
 Estas terras a fazem respeitada
 Barbara terra , mas abençoada.

IX.

Estes homens de varios accidentes
 Pardos , e pretos , tintos , e tostados ,
 São os es'eravos duros , e valentes
 Aos penosos trabalhos costumados :
 Elles mudaõ aos rios as correntes ,
 Rasgaõ as ferras , tendo sempre armados
 Da pezada alavanca , e duro malho
 Os fortes braços feitos ao trabalho.

X.

Por ventura , Senhores , pode tanto
 O Grande Heróe , que a antiguidade a clama ?
 Porque aterrou a fera de Hirimanto ,
 Vencêo a Hydra com o ferro , e chamma !
 Ou esse , a quem da tuba Grega o canto
 Fez digno de immortal , e eterna fama ?
 Ou ainda o Macedonico Guerreiro ,
 Que soube subjugar o mundo inteiro !

XI.

Eu só pondero , que essa força armada
 Debaixo de acertados movimentos ,
 Foi sempre huma com outra disputada
 Com fins correspondentes aos intentos :
 Isto que tem co' a força disparada
 Contra todo o poder dos Elementos ?
 Que bate a forma da terrestre Esfera ,
 A pezar d' huma vida a mais austera.

XII.

Se o justo , e util pode tão sómente
 Ser o acertado fim das acções nossas ;
 Quaes s' empregão , dizei , mais dignamente
 As forças destes , ou as forças vossas ?
 Mandaõ a destruir a humana gente
 Terriveis Legiões , Armadas grossas ;
 Procurar o metal , que acode a tudo ,
 He destes homens o cansado estudo.

XIII.

São dignos de attenção . . . ia dizendo ,
 A tempo que chegava o Velho honrado ,
 Que o povo reverente vem benzendo
 Do Grande Pedro co' o poder sagrado ,
 E já o nosso Heróe nos braços tendo
 O breve instante , em que ficou calado ,
 De amor em ternas lagrymas desfeito
 Estas vozes tirou do amante peito .

XIV.

Filho , que affim te chamo , Filho amado ;
 Bem que hum Tronco Real teu berço enlaça ;
 Porque fostes por mim regenerado
 Nas puras fontes da primeira Graça ,
 Deves o nascimento ao Pai honrado ,
 Mas eu de Christo te alistei na praça ;
 E estas mãos por favor de hum Deos Eterno
 Te restaurarão do poder do Inferno .

XV.

Amado Filho meu , torna a meus braços ,
 Permitta o Ceo , que a governar profigas ,
 Seguindo sempre de teu pai os passos ,
 Honrando as suas paternaes fadigas ;
 Não recês que encontres embaraços ,
 Aonde quer que o teu destino sigas ,
 Que elle pizou por todas estas terras
 Matos , Rios , Sertões , Morros , e Serras.

XVI.

Valeroso , incansavel , diligente ,
 No Serviço Real promovêo tudo ,
 Já nos Paizes do Purê valente ,
 Já nos Bosques do bruto Buticudo :
 Sentirão todos sua mão prudente
 Sempre debaixo de acertado estudo ;
 E quantos viraõ seu sereno rosto ,
 Lhe obedecerão por amor , por gosto .

XVII.

Assim confio ; o teu destino seja
 Servindo a Patria , e augmentando o Estado ,
 Zelando a honra da Romana Igreja ,
 Exemplo illustre de teus Pais herdado.
 Permita o Ceo , que felizmente veja ,
 Quanto espero de ti desempenhado ;
 Assim contente acabarei meus dias ,
 Tu honrarás as minhas cinzas frias.

XVIII.

Acabou de fallar o honrado Velho ,
 Com lagrymas as vozes misturando ,
 Ouvio o nosso Heróe o seu conselho :
 Novos projectos sobre os seus formando ,
 Propagar as Doutrinas do Evangelho ,
 Hir os Parricios seus civilizando ,
 Augmentar os Thesouros da Reinante ,
 São seus disvelos des-de aquelle instante.

XIX.

Feliz Governo , queira o Ceo sagrado ;
 Que eu chegue a ver esse ditoso dia ,
 Em que nos torne o seculo doirado
 Os tempos de Rodrigo , e de Maria ;
 Seculo que será sempre lembrado
 Nos instantes de gosto , e de alegria ,
 Até os tempos , que o destino enferra
 De governar José a patria Terra.

F E S T A S

NA REAL QUINTA DE QUELUZ,

DESCRIPTAS EM HUMA CARTA
DE LERENO SELYNUNTINO

P Ois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Mo-
 Defato os Versos das prizões da Rima,
 E soltos correrão mais facilmente
 A appresentar-te as mal lançadas linhas
 Com que eu empenho o portentoso quadro
 Do sincero prazer, Nacional gloria,
 Com qu' aos fieis ditosos Portuguezes
 A viçosa Queluz brindou tres Dias.

Para aqui, meu Albano, he qu' eu careço
 Do pincel delicado, e finas côres,
 De que te serves quando o esmero d' arte
 Mostras nas tuas naturaes pinturas.
 Mas talvez do rascunho tirar possas
 Coiza qu' a melhor forma reduzida,
 C' os toques magistraes, que dar costumam,
 Do augusto original mais digna seja.

Eu

Eu mal desenho os tres formosos Dias .
 Q' o almo Tempo havia preparado
 Para offertar ao Principe da Lyfia ,
 Que o tinha destinado ao prazer Luso .

Vai attento comigo , e pensa hum pouco ,
 Ao qu' o Principe amavel os destina ;
 E verás como he digno do alto Imperio ,
 Que lhe dá seu direito , e nosso gosto .

Já do amor do seu Povo persuadido ,
 E da gloria , que delle em nós transfunde ,
 Bem como o convidamos , nos convida
 A festejar a dadiva celeste ,
 Q' o Ceo dera á Nação , quando lha dera .
 C' os Vassallos igual neste interesse ,
 Por quanto o bem do Throno he bem do Povo
 Quiz co' o Povo fiel congratular-se .

O Mês , que vio nascer o Grande Augusto ,
 E que a gloria da Lyfia agora marca ,
 Nunca nas margens do famoso Tejo
 Aparecêo com dias tão formosos .
 E nem Porcio , nem Syrio os perturbárao
 Com o usado furor raivoso , e ardente ;
 Antes benignas nuvens interpostas
 Entre o Sol , e a Terra moderarao
 O calor proprio da estação adusta .

Os furiosos ventos recolhidos
 A' gruta Eolia livres fós deixaraõ,
 Dos brincadores Zefiros as chufmas
 Mover as folhas , menear os fructos ,
 E beijar brandamente as tenras flores.

Vê, como se enfeitou a linda Aurora ,
 Que já vem o primeiro conduzindo;
 Escuta, como as aves a saúdaõ :
 Sobre as azas das horas estendida
 A serena manhã lá vem passando :
 Em quanto o Genio tutelar dos Lusos ,
 Afasta os sonhos , que revôaõ ledos
 Entre o Rēal JOAÕ , Real Conforte ,
 E em meio dos amores , e das graças
 Os chama para a pública alegria.

Entraõ primeiro no sagrado Templo,
 Eu os vejo, eu os oiço agradecidos
 Curvados ante o Throno honrar humildes
 Ao que governa a forte dos Imperios ,
 E ajuntar sua vóz aos sacros Hymnos
 De Amor, de Gratidaõ , e de Fé pura ,
 Q' os Portuguezes ao seu Deos enviaõ :
 Oiço o Ministro da Palavra santa ,
 Que lhes diz , que nos diz , qual seja o modo
 De merecer-mos tanto ao Ceo piedoso ,
 Q' ouvio , que despachou as nossas preces.

Há tempo para tudo, diz a lenda ;
Há tempo de rezar, de brincar tempo
Sempre foi a Eutrapelia huma virtude.

Assim passou esta manhã festiva
Devota, mas devotamente alegre;
Eis ja o dia a declinar começa
E o sol do seu Zenith ja vai descendo,
A tarde o lindo rosto defronta,
E nos mostra o prazer qu' ainda lhe cabe.

Em larga praça ressoar se escutaõ
Os sonoros clarins, marciaes tymbales,
E os outros instrumentos sempre proprios
Para privar da multidaõ o gosto,
Era o signal de que chegava aquelle
De Portugal delicias, e esperança,

Tu Augusto JOAÕ, tu mesmo ouviste,
A vôz geral do coração dos Lusos
Por huma, e muitas vezes explicar-se:
Tu viste c' os reais afaveis olhos,
O modêlo qu' o Mundo hoje carece
De feis servos, de leaes Vassallos.

Perdôa, caro Albano, arrebatei-me,
Cuidei qu' o meu bom Principe me ouvia:
Por

Por illusão de amor tenho-o presente ;
 He mais meu, do que teu , eu provo á pressa:
 Do Throno Portuguez he inda herdeiro ,
 Mas he Principe ja da Patria minha.

Debuxemos a Praça , ai qu' eu não posso ,
 Cahe-me o lapis da mão , eu me confundo ,
 Nem posso figurar quanto alli vejo.

Mentiraõ os Poetas , sim mentiraõ ,
 Albano , não são tres sómente as graças :
 Se ouvesse hum Paris para dar hum pomo
 Em premio da belleza, hoje perplexo ,
 Muito mais que o do Ida aqui se achara !

Alli estavaõ . . . não , não tas nomeio ,
 Que talvez não conheces , colhe os votos ,
 E a maioral de Bellas (vou contigo ,
 E repito o que tu ja propuzeste :)
 He mais bella que Venus , e em virtudes
 A's que chamaraõ Deofas sei qu' excede.

Eu mal rascunho a multidaõ daquelles
 De illustre nome, e illustre fangue herdeiros,
 Netos d' Herões, q' o Reino , e q' os dominios
 A' custa do seu fangue dilataraõ ,
 E ao Throno proprio assim restituiraõ.
 Os Augustos Avôs de quem o occupa ;
 Os que servem na paz , na guerra servem
 A Deos , ao Principe , á Naçaõ inteira

Esfeios propios a fuster o pezo
Da abobeda fatal da Monarchia ,
Propria ao abrigo de hum prudente Povo.

Agora os semi-circulos qu' eu traço
São para desenhar o gyro , e as voltas ,
Que vem a dar airofos cavalleiros
No jogo marcial nunca esquecido
Da Portuguezza ardente mocidade .

Dezaféis airofissimos mancebos
Gyraõ a Praça em voltas concertadas ,
Dos soberbos ginetes vaõ medidos
Os passos na gentil escaramuça ,
E o freio mastigando não se avançam
Mais do que quer o cavalleiro destro.
A mistura das côres dos veltidos ,
E das plumas qu' ondeaõ engraçadas ,
Fazem o jogo muito mais vistoso.

Ufo antigo he dos nossos o enfaiar-se
Nesta guerra de brinco a fera guerra :
Correm-se airofosamente as longas lanças ,
Corta afiado ferro as leves canas ,
Tomaõ-se nos broqueis as alcancias ,
E mostraõ ao seu Principe , brincando ,
Q' os tem ja promptos , quando forem véras.

Ficaõ no Campo quatro a quem se lançaõ
Os bravos animaes das meias luas ,

Eis

Eis qu' o toiro ferôz solta hum mugido ;
 E co' a rachada unha rasga a terra ;
 Curva á cabeça , e furioso parte ,
 É o destro Cavalleiro esquiva o golpe ,
 E de tal arte o ferro agudo encrava ,
 Q' a borbotões despeja o fangue , e a vida.

De pé tambem não falta quem se arroje
 Ao animal raivoso qu' o procura :
 A destreza do pé salva o Capinha ,
 E a destra forte mão embebe a espada
 No peito d' outro bruto , que cahe morto

A noite parecia que esperava ,
 Que este guerreiro jogo se acabasse ,
 Para apagar da luz do dia o resto :
 Já começava a desdobrar seu manto
 Recamado de nitidas Estrellas
 Com qu' ao digno louvor vinha assistir-nos.

Mas que pasmo, ó amigo, o seu seria ,
 Vendo que a previnirão mãos humanas ,
 E a arte poude em fim desvanecella?

Parecia , qu' o Ceo na terra estava ,
 E a clara habitação do Pai das Luzes
 Eu vi no plano de Queluz viçosa :
 As Pilastras de luz , de luz cornijas
 Plintas , e Capiteis , Bases , e Socos ;
 Era fonte de luz , a que foi d' agua ,

Esta-

Estatuas , Pedestaes , Arvores , Flores,
De huma materia lucida era tudo.

Muito mais m' enganei, quando de hum vôo
Eu vi subir hum Globo álem das Nuvens ,
Ao som das ajustadas harmonias :
Então cuidei que de prazer a impulsos
Os Globos das Esferas desatados ,
Soltos vagavaõ pelo Cco , e terra.

Mas acordei em fim do alegre sonho ,
Quando vi passeando afaveis gratos ,
O Augusto J o A ò co' a Augusta Esposa,
A que os servos ficis as mãos beijavaõ.

Vês essa Nuvem qu' eu desenho a hum lado,
Os estasis de gosto ahi confundo ,
Q' inesperada honra fez em todos ,
E demos este dia assim por findo,
Porqu' eu confesso não poder com tanto
Temo que a rouca vôz deshonre o Canto.

Ler. Selinunt.

E R R A T A S.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
14	3	Delos ?	- Delos !
16	28	nlulem.-	- ululem
28	6	altas -	- átras
42	22	trifulco	- trifulco
46	6	iniquitas	- inquietas
51	1	Frandelio	- Frondelio
ibid.	6	ve . - -	- ves
55	1	amores -	- Amores
59	16	servirme	- sirva-me
64	12	Plebo -	- Phebo
71	19	Grande	- Grande
96	25	nella -	- nelle
128	5	Baston -	- Boston
129	29	Caroàra	- Coroara
ibid.	30	ouze -	- onze
131	27	parentesco-	parentescos
132	1	chavenas, - lustrozas	chavenas lustro- zas,
138	1	tanto -	- tantos
140	12	a gloria -	- á gloria

ERRATA

The following are the errors in the original edition.

Page	Original	Corrected
12	12	12
13	13	13
14	14	14
15	15	15
16	16	16
17	17	17
18	18	18
19	19	19
20	20	20
21	21	21
22	22	22
23	23	23
24	24	24
25	25	25
26	26	26
27	27	27
28	28	28
29	29	29
30	30	30
31	31	31
32	32	32
33	33	33
34	34	34
35	35	35
36	36	36
37	37	37
38	38	38
39	39	39
40	40	40
41	41	41
42	42	42
43	43	43
44	44	44
45	45	45
46	46	46
47	47	47
48	48	48
49	49	49
50	50	50
51	51	51
52	52	52
53	53	53
54	54	54
55	55	55
56	56	56
57	57	57
58	58	58
59	59	59
60	60	60
61	61	61
62	62	62
63	63	63
64	64	64
65	65	65
66	66	66
67	67	67
68	68	68
69	69	69
70	70	70
71	71	71
72	72	72
73	73	73
74	74	74
75	75	75
76	76	76
77	77	77
78	78	78
79	79	79
80	80	80
81	81	81
82	82	82
83	83	83
84	84	84
85	85	85
86	86	86
87	87	87
88	88	88
89	89	89
90	90	90
91	91	91
92	92	92
93	93	93
94	94	94
95	95	95
96	96	96
97	97	97
98	98	98
99	99	99
100	100	100

Printed by
[illegible]







